

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA

IRMÃOS GÊMEOS: COMPARTILHANDO
SEMELHANÇAS E REVELANDO
DIFERENÇAS NO DESAFIO DE SER ÚNICO

LIGIA GASBARRO MARQUES

São Paulo
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA

**IRMÃOS GÊMEOS: COMPARTILHANDO
SEMELHANÇAS E REVELANDO
DIFERENÇAS NO DESAFIO DE SER ÚNICO**

LIGIA GASBARRO MARQUES

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Profa. Talitha Ferraz de Souza

São Paulo

2008

AGRADECIMENTOS

“Um professor influi para a eternidade; nunca se pode dizer até onde vai sua influência”.

Henry B. Adams

“As alegrias dos pais são secretas, como também o são os desgostos e os receios: não sabem exprimir as primeiras, não querem exprimir os segundos”.

Francis Bacon (1561-1626)

- À minha orientadora, professora Talitha Ferraz de Souza, que ajudou na execução deste trabalho compartilhando comigo os momentos de dúvida e oferecendo-me apoio e auxílio, valiosos neste processo.
- Ao meu pai e ao meu padrasto pelo apoio e carinho irrestritos, além de me proporcionarem um extraordinário exemplo de redesenho familiar.
- À minha mãe, pelo amor incondicional, pelas inúmeras oportunidades que me proporcionou e por sempre acreditar em mim mais do que eu mesma.
- À minha irmã gêmea “idêntica”, por ter me acompanhando desde o nascimento, por compartilhar comigo, além da semelhança física, momentos significativos e pela cumplicidade excepcional.
- À professora Marina Pereira Gomes, pelo apoio, contribuição e orientação nos momentos iniciais da produção deste estudo e por ter aceito meu convite para ser leitora deste trabalho de forma gentil e afetuosa.
- Aos professores que mostraram-se inteiramente disponíveis em ajudar-me com referências bibliográficas e demais professores da Faculdade de Psicologia da PUC-SP que transferem o que sabem e aprendem o que ensinam de forma generosa .
- Às amigas que fiz durante a faculdade, com as quais compartilhei momentos difíceis e alegres no decorrer do desenvolvimento deste trabalho e cuja amizade pretendo levar comigo após o término do curso.

LIGIA GASBARRO MARQUES: Irmãos Gêmeos: compartilhando semelhanças e revelando diferenças no desafio de ser único, 2008.

Orientadora: Profa. Talitha Ferraz de Souza

Área de Conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Palavras-chave: irmãos gêmeos, construção de identidade, família, relações horizontais, fratria, interação entre irmãos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar e descrever as principais características da questão gemelar. Visa investigar se esta relação tão peculiar afeta o imaginário destes irmãos, interferindo ou não na constituição do eu. Assim, este estudo pretende investigar o desenvolvimento psíquico de gêmeos na busca das influências desta interação a partir de uma leitura psicanalítica.

Mais especificamente o foco desta análise será a questão dos irmãos gêmeos monozigóticos, isto é, gerados a partir de um óvulo que se divide em dois ocasionando a formação de dois seres idênticos em: mesmo grupo sanguíneo, enzimas, proteínas, características físicas e tendências patológicas.

A literatura pesquisada até o momento mostra que os irmãos podem exercer certa influência mútua. Entre os gêmeos, essa influência pode ser intensificada devido ao longo período de convivência ou excepcional semelhança física.

Além disso, as interações entre irmãos permitem que ambos aprendam padrões de lealdade ou de competição, que podem ser generalizados a outros relacionamentos sociais, visto que neste subsistema fraternal ambos experimentam relações com semelhantes.

SUMÁRIO:

Introdução	1
Metodologia	2
Capítulo I: CONTEXTUALIZANDO O TEMA	
- Fraternidade	5
- A Socialização da Criança	7
Capítulo II - A INTERAÇÃO ENTRE IRMÃOS	
- A Relação Fraterna	9
- O Vínculo Fraterno	15
- Função Fraterna em Psicanálise	22
Capítulo III - GÊMEOS	
- Irmãos Gêmeos	26
- Os Gêmeos na Psicanálise	30
- Os Gêmeos na Prática Psicanalítica	37
Capítulo IV - ILUSTRANDO O TEMA	
- Análise do Documentário de Chico Teixeira “Carrego Comigo”	39
- Análise do Livro Infantil de Célia Cristina <i>Ana e Ana</i>	48
Considerações Finais	51
Referências Bibliográficas	58

Introdução

"Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável (...) para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer"
Albert Einstein

Durante a minha aprendizagem na graduação em Psicologia na PUCSP sempre me pareceu (o que foi confirmado posteriormente) que os autores estudados falavam muito acerca da influência dos pais sobre a criança no decorrer de seu desenvolvimento, mas pouco sobre a influência de irmãos no desenvolvimento de uma criança. A partir disso, surgiu-me a idéia de realizar meu trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema "irmãos", mais especificamente sobre "irmãos gêmeos" por considerar que este tipo especial de interação traria algumas características ou informações interessantes no âmbito da psicologia. Confesso ainda que esta minha escolha também foi pautada por um interesse pessoal, já que tenho uma irmã gêmea idêntica.

Meu interesse é verificar as peculiaridades do desenvolvimento de gêmeos, particularmente investigar as contribuições teóricas da Psicanálise em relação aos pares de irmãos gêmeos, por considerar a possibilidade de uma dificuldade a mais no sentido da aquisição, por cada um deles, de uma identidade única, uma vez que os gêmeos se acompanham mutuamente desde o nascimento. Assim, procuro fazer uma breve revisão da literatura psicanalítica a respeito da gemelaridade, discutindo assim, conceitos como "função fraterna", "narcisismo primário", "o duplo", "o complexo fraterno" em gêmeos, "estágio do espelho", etc.

Além disso, procuro discutir o termo gêmeos idênticos, pois acredito que o uso da terminologia "idêntico" poderia nivelar estes irmãos numa tentativa de igualá-los, negando assim qualquer expressão de individualidade, visto que "idêntico" significa "perfeitamente igual, análogo".

Metodologia

*“Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa.
É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas.
É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas,
das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia”.*
Clarice Lispector

Foi realizado um levantamento teórico a partir de livros, artigos, periódicos, dissertações de mestrado, outros trabalhos de conclusão de curso e internet. Para o propósito deste trabalho foi preciso selecionar uma bibliografia que abordasse a questão das relações fraternas e da gemelaridade em Psicanálise como também, secundariamente, outros autores de diferentes abordagens que fizessem a análise desta questão e suas peculiaridades.

Desse modo, busquei uma bibliografia que dentro do proposto pelo trabalho e tempo estabelecidos pudesse embasar a discussão teórica que pretendo realizar.

Optei por iniciar minha pesquisa buscando trabalhos sobre o relacionamento entre irmãos em geral e a seguir focar especificamente em irmãos gêmeos. Assim, ao realizar uma revisão bibliográfica a respeito do relacionamento entre irmãos, pude constatar que os psicólogos ou estudiosos da área têm realizado poucas pesquisas sobre esse tema. Meu objetivo era encontrar autores que falassem a respeito de como seria a influência do relacionamento entre irmãos no decorrer do desenvolvimento da criança e na vida adulta. Ao pesquisar a respeito, encontrei também autores que consideravam fundamental a questão cultural, pois a cultura regula a vida dos indivíduos levando-os a seguir determinados tipos de comportamento. Portanto, a participação de um indivíduo num grupo cultural influencia o desenvolvimento da personalidade, pautando o que as famílias ensinam às crianças e o que elas aprendem.

Desse modo, podemos constatar que muitos fatores se mostram presentes ao falarmos em influências sobre o desenvolvimento da identidade e da personalidade das crianças. Porém, o foco da pesquisa é a influência do relacionamento entre irmãos e por esta razão as demais influências serão

reveladas de modo sucinto.

Assim, a questão principal do presente estudo é investigar o desenvolvimento psíquico de gêmeos e a partir disso buscar as influências desta interação sobre a constituição do eu.

Inicio trazendo o aspecto sócio-cultural do tema, visto que existe nas sociedades e nas diferentes culturas uma mítica em torno dos gêmeos. Acredito existir uma tendência das pessoas em geral, tratarem os gêmeos como sujeitos indiferenciados, buscando sempre um equilíbrio, uma igualdade.

Em seguida, abordo o modo como esta questão se processa psicologicamente no sujeito, o fato de se ter, desde o nascimento, um irmão demasiadamente semelhante ao longo do processo de desenvolvimento.

Por fim, discuto também os desafios dos pais de gêmeos, especialmente da mãe, na criação e nos cuidados de filhos gêmeos, suas opções de nomes, roupas e presentes e suas respectivas implicações futuras. Sobre os pais, apresento também as diferentes manifestações do imaginário parental desde o intenso desejo de ter filhos gêmeos ou do orgulho de exibí-los até a possibilidade de considerarmos que, segundo Winnicott, se as mães de gêmeos pudessem escolher, provavelmente, muitas não optariam por ser mães de gêmeos.

Além disso, utilizei o filme de Chico Teixeira “Carrego Comigo” e o livro de Célia Cristina *Ana e Ana* não como foco principal de análise do trabalho, mas para ilustrar de forma clara questões teóricas amplamente discutidas, visto não tratar-se de um estudo de caso.

Portanto, este trabalho refere-se à formação da identidade de irmãos gêmeos monozigóticos, que problematizo da seguinte forma: contextualização do tema apresentando conceitos como fraternidade e socialização da criança; discussão da interação entre irmãos em geral tratando da relação e do vínculo fraterno; apresentação da idéia de função fraterna em psicanálise; introdução da questão dos gêmeos nos mitos e na literatura e a contribuição de diferentes autores sobre o tema, discutindo conceitos teóricos em psicanálise pertinentes aos gêmeos e as contribuições da prática psicanalítica; e finalmente elucidação do tema com duas produções que encantam pela delicadeza com que abordam

as semelhanças e as diferenças na interação entre irmãos gêmeos univitelinos, o filme “Carrego Comigo” e o livro *Ana e Ana*, proporcionando-me condições para expor os aspectos mais relevantes da experiência gemelar. Assim, muitos conceitos discutidos a partir da análise teórica puderam ser exemplificados por meio dos depoimentos dos gêmeos univitelinos entrevistados no documentário de Chico Teixeira e da história descrita no livro infantil de Célia Cristina. Esclareço, porém, que as análises destas obras não se configuram como o foco central do presente trabalho, mas apenas os trouxe para enriquecer e ilustrar o estudo deste tema.

Concluindo, este é um trabalho de pesquisa teórica que tem como fundamentação conceitos de psicanálise como *narcisismo primário*, *o duplo*, *complexo fraterno* em gêmeos, *estágio do espelho* e conceituações básicas sobre *fratria*, *função fraterna*, relações entre irmãos e entre irmãos gêmeos, a fim de verificar possíveis associações existentes entre a interação entre irmãos gêmeos e o reflexo desta no processo de constituição destes indivíduos a partir de uma análise conceitual dos textos selecionados.

Capítulo I – CONTEXTUALIZANDO O TEMA

*“O que me assusta não é a violência de poucos, mas a omissão de muitos.
Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes,
mas não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos”.*

Martin Luther King

Fraternidade

Gostaria de iniciar este estudo apresentando uma ampla definição de fraternidade, que se torna fundamental para este trabalho especificamente, uma vez que nosso foco de estudo é justamente as diferentes relações fraternas que se formam nos pares de irmãos gêmeos e compreender as características deste tipo de vínculo fraterno tão peculiar ao longo do desenvolvimento.

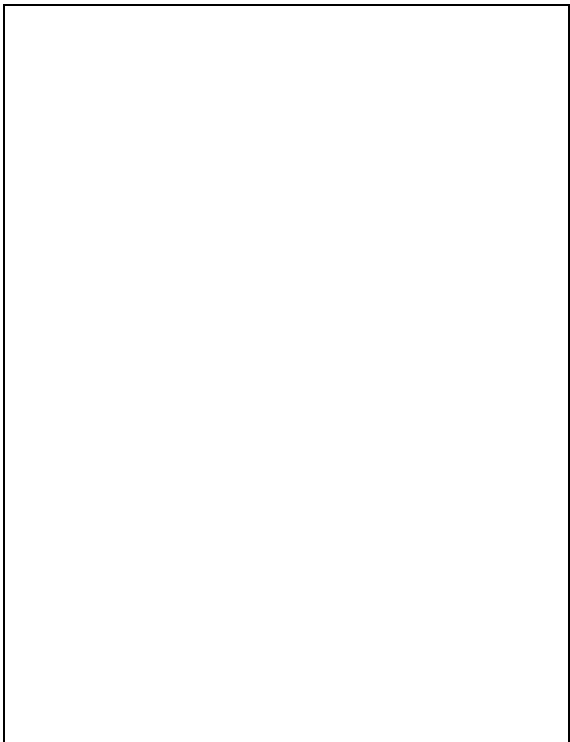
A fraternidade é um conceito filosófico profundamente ligado às idéias de Liberdade e Igualdade e com os quais forma o tripé que caracterizou grande parte do pensamento revolucionário francês. Vale lembrar que dos três, foi o único que não esteve no lema Iluminista, que era "Liberdade, Igualdade, Progresso".

A idéia de fraternidade estabelece que o homem, enquanto animal político, fez uma escolha consciente pela vida em sociedade e para tal estabelece com seus semelhantes uma relação de igualdade, visto que em essência não há nada que hierarquicamente os diferencie: são como irmãos (*fraternos*). Este conceito é a peça-chave para a plena configuração da cidadania entre os homens, pois, por princípio, todos os homens são iguais. De uma certa forma, a fraternidade não é independente da liberdade e da igualdade, pois para que cada uma efetivamente se manifeste é preciso que as demais sejam válidas.

Segundo o jurista Giovanni Caso, organizador do livro *Direito e Fraternidade* (2008), a fraternidade é expressa no primeiro artigo da Declaração universal dos direitos do homem quando ela afirma que “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e de consciência e devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

A palavra é eventualmente confundida com a expressão caridade e solidariedade, embora elas tenham significados radicalmente diferentes. Enquanto a fraternidade expressa a dignidade de todos os homens, considerados iguais e assegura-lhes plenos direitos (sociais, políticos e individuais), a idéia de caridade cria a desigualdade entre os homens, na medida em que faz crer que alguns deles possuem mais direitos e são superiores e portanto são generosos quando os compartilham com os demais.

A ideia de afeto, união, carinho ou parentesco entre irmãos estava presente na palavra correspondente no grego comum do primeiro século - *adelfótes*. Segundo o apóstolo Pedro era o tipo de união que identifica os verdadeiros cristãos. (1Pedro 2:17)



"Amor Fraternal", obra de Bouguereau (1851)

A socialização da criança:

“As coisas, por si só, não são interessantes, mas tornam-se interessantes se nos interessamos por elas”.

Silvio Ceccato (1914-1997), filósofo e lingüista italiano.

Antes de discutirmos as características e implicações da interação entre irmãos parece-me fundamental analisarmos o processo de socialização da criança.

Alguns autores, como Mussen (1982), consideram que a respeito do desenvolvimento da personalidade da criança, o aspecto mais significativo que se pode observar é a influencia do ambiente social no qual está inserida. Cada sociedade tem uma cultura diferente, ou seja, modos característicos de pensar, sentir, ter atitudes, objetivos e ideais. Desse modo a cultura regula a vida dos indivíduos exercendo uma pressão constante sobre eles e levando-os a seguir determinados tipos de comportamento. Assim, a participação de um indivíduo num grupo cultural influencia o desenvolvimento da personalidade.

Portanto podemos concluir que muitos fatores se mostram presentes quando falamos em influências sobre o desenvolvimento da personalidade das crianças, pois Fitzgerald, Hiram e Strommen (1978) afirmam que além da cultura, os pais se tornam um fator fundamental e acrescentam que o relacionamento entre irmãos também influencia. Mussen (1982) completa dizendo que é através da socialização que o indivíduo adquire os padrões de comportamento que são aceitáveis, de acordo com os padrões de sua família e de seu grupo social.

Dicionários não especializados em Psicologia definem socialização como “inserção da criança na sociedade através de um processo de integração nos grupos sociais” (Ferreira, 1975). Para este trabalho, socialização da criança será entendida como “o processo pelo qual as crianças adquirem valores, crenças e padrões de comportamentos esperados em sua cultura” (Mussen, Conger, Kagan, 1988).

Grande parte dos autores pesquisados concorda que este processo de socialização começa na infância. Aqui torna-se importante ressaltar, que segundo Mussen, Conger e Kagan (1988) “embora a família seja considerada

como a força mais importante nas vidas das crianças, as interações com os pais e os irmãos ocorrem dentro de um contexto maior. As práticas de socialização pelos pais são fortemente influenciadas pelo bairro, escola, subcultura e cultura mais ampla à qual a família pertence”. (p.364)

Fica claro, a partir desta discussão, que a socialização é fortemente influenciada por prescrições culturais. Estas, segundo Mussen (1982), devem, no entanto, ser comunicadas inicialmente por membros da família da criança e os representantes da cultura com os quais ela tem relações mais íntimas. Assim, nos primeiros anos de vida, as interações iniciais da criança restringem-se, em grande parte, aos círculos de suas próprias famílias, e seus modelos são os pais e os irmãos.

Capítulo II - A INTERAÇÃO ENTRE IRMÃOS

“As contendas e ódios mais cruéis são os dos irmãos, porque os que muito se amam muito se aborrecem”.

Aristóteles

A Relação Fraterna:

Podemos dizer que o relacionamento fraterno começa quando um irmão torna-se consciente da existência do outro, o que geralmente ocorre com o nascimento, quando o irmão mais velho tem seu primeiro contato com irmão mais novo.

Podemos dizer que a evolução de qualquer relacionamento fraterno é um processo contínuo. Ao longo de toda a infância e adolescência, um complexo jogo de forças psicológicas vai se estruturando dentro de cada irmão e da família e contribui para o desenvolvimento do vínculo fraterno. Segundo Bank e Kahn (1997), a busca de uma identidade pessoal significativa emerge como um terreno vital, em que irmãos e irmãs tornam-se significativos um ao outro.

Sobre o relacionamento fraterno é possível concluir que estes não são estáticos; ao contrário, sofrem influências de vários eventos ao longo da vida, ilustram a natureza dinâmica dos relacionamentos familiares e em especial, dos relacionamentos entre irmãos, enquanto ao mesmo tempo atestam sua continuidade.

O relacionamento entre irmãos:

Mussen, Conger e Kagan (1988) afirmam que nas interações com os irmãos, a criança pode aprender padrões de lealdade, prestatividade e proteção ou os de conflito, domínio e competição; tais padrões podem ser generalizados a outros relacionamentos sociais. O número de irmãos que uma criança tem e seus relacionamentos podem constituir um importante aspecto da situação de aprendizagem e a ordem de nascimento parece ter uma certa influência sobre o desenvolvimento da personalidade.

Koch (in Mussen, Conger e Kagan, 1977) em 1956, estudou 384 sujeitos de cinco a seis anos de idade, provenientes de famílias com dois filhos. Os professores destas crianças constataram que as principais variáveis (sexo, posição ordinal e espaço entre os nascimentos) influenciavam na personalidade da criança. Com relação à posição ordinal, os primogênitos tendiam a ter mais atenção do que os nascidos em segundo lugar e a ser mais responsáveis, menos agressivos e mais curiosos intelectualmente. Já com relação aos intervalos de nascimento, Koch afirma que uma diferença de dois a quatro anos entre os irmãos é uma fase em que a criança mais velha sente-se ameaçada pela mais nova.

Minuchin (1982) afirma que o subsistema fraternal é o primeiro laboratório social no qual as crianças podem experimentar relações com iguais. Este autor pensa o grupo familiar segundo a teoria dos sistemas, onde o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. Dentro deste contexto as crianças aprendem umas com as outras. Neste sentido o mundo dos irmãos serve como um laboratório onde as crianças aprendem como negociar, cooperar, competir. Aprendem como fazer amigos; aliados. Quando as crianças estabelecem contato com o mundo extrafamiliar tentam se comportar de acordo com o modo que aprenderam nos relacionamentos fraternais. E da mesma forma, quando aprendem novas maneiras de se relacionar no mundo extrafamiliar, trazem de volta o novo conhecimento para o mundo fraternal.

Ainda a respeito de relacionamento entre irmãos, Fitzgerald, Hiram e Strommen (1978) descrevem que os primogênitos tendem a ser menores no nascimento, amadurecer mais rapidamente, ser mais altos e mais pesados durante a média meninice, falar mais articuladamente, mostrar mais sensibilidade às relações parentais, ser mais unidos à família e a usar formas mais adultas de comportamento agressivo.

Contrariando algumas dessas idéias, Rappaport (1981) diz que o status da criança no grupo de companheiros demonstra que os primogênitos são mais ansiosos e dependentes do que seus irmãos e por isso menos populares do que os filhos caçulas.

Carmichael (1975) coloca que as crianças primogênitas, em oposição às nascidas depois, estão sujeitas a cuidados de pais menos experientes e seguros durante seus primeiros anos e isso produz maior suscetibilidade a responder à ansiedade ou ameaça. Afirma, também, que os nascidos depois estão sujeitos a uma certa quantidade de punição por parte dos irmãos mais velhos e presume que este fator reduz tendências à afinidade com outras pessoas.

Além disso, a forma de relação entre os irmãos parece depender da história de vida construída pelos sujeitos, ou seja, irmãos que confiam um no outro tendem a pedir mais ajuda entre eles.

Portanto, além do sexo, da posição ordinal e do espaço entre os nascimentos, a história de vida construída pelos sujeitos é, também, um fator fundamental no desenvolvimento da personalidade da criança.

Sintetizando estas questões, a autora do livro “O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família”, Luiza Maria de O. Braga Silveira (2002), coloca que o relacionamento fraterno é associado a aspectos positivos e negativos. Trata-se de uma relação íntima, duradoura e dentro da mesma hierarquia. Oportuniza o aprendizado da disputa, da admiração, da negociação, da cooperação, da inveja, da imitação, do diferenciar-se, do amar, do odiar, do dominar, do ceder. Essas vivências servem de laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora do núcleo familiar. Fatores como sexo dos irmãos, diferença de idade, temperamento, intervenções parentais podem interferir na relação.

Muitos autores concordam que, nas interações fraternas, oscilam sentimentos de afeição, solidariedade, rivalidade e hostilidade. As experiências compartilhadas no relacionamento fraterno são consideradas as primeiras e mais intensas entre iguais, pois, diferentemente do subsistema parental, espera-se que as relações se estabeleçam no mesmo nível hierárquico. Nesse grupo de iguais, portanto, os irmãos aprendem a dividir o espaço e as regras familiares, que são a base de suas futuras relações (Perez, 1998; Silveira, 2001).

Sabe-se, entretanto, que o relacionamento entre irmãos possui características diferenciadas de acordo com a fase do ciclo evolutivo vital em que a família se encontra. Na adolescência, a partir do momento em que ocorre a aceitação das transformações inerentes a essa etapa, a relação pode assumir características mais positivas e menos conflitivas (Cicirelli, 1995). Observa-se então que os irmãos mais novos procuram os irmãos mais velhos para discutir com eles assuntos sobre os quais se sentem desconfortáveis para conversar com seus pais (Bank & Kahn, 1997).

Neste caso, os irmãos mais velhos, freqüentemente, assumem o papel de ensinar e auxiliar no manejo de situações difíceis, pelo fato de já terem vivenciado anteriormente tais situações. Ainda que na adolescência haja uma tendência de aumento dos conflitos fraternos, também cria-se uma possibilidade de maior troca entre os irmãos. Resultados de outras pesquisas (Cicirelli, 1995) também evidenciam nesta fase uma maior disponibilidade e tempo de diálogo entre os irmãos. Sendo assim, parece que o subsistema fraterno se revela como um espaço potencial de saúde e entendimento familiar, questionando a difundida idéia da rivalidade fraterna. Nota-se que os irmãos mais velhos são tidos como referência e exemplo dos mais novos e desempenham, muitas vezes, o papel de mediadores entre o adolescente e os demais membros da família e o contexto social (Erel, John, & Margolin, 1998).

Como vimos, o relacionamento fraterno é a relação de base igualitária mais íntima que se costuma ter e o irmão é alguém totalmente integrado em nossa história, pois compartilha várias de nossas experiências. Esta relação proporciona à ambos muitas oportunidades de aprendizado: de disputa, cessão, cooperação, imitação, diferenciação e aceitação de limites, despertando sentimentos tais como ciúme, admiração, amor, raiva e ódio. “Tornar-se adulto é dominar os pensamentos, a vida, as emoções, os afetos e a afetividade. O irmão pode oferecer um bom suporte a todas essas aquisições”. (Rufo, 2003, p.144) Além disso, ainda segundo Rufo, psiquiatra infantil, “viver em companhia de um irmão tem um papel muito particular na construção da personalidade” (p.137).

A literatura sobre o tema traz o termo “subsistema fraterno” ou “fratria” para designar o grupo de irmão dentro de uma família. Silveira (2002) coloca

ainda, que “não existem ex-irmãos” (p.94). Na primeira infância, conforme aponta McGoldrick & Carter (1995), a disputa pelo amor dos pais e pela sua atenção e o desenvolvimento de sua própria personalidade, através da diferenciação com o outro irmão, são os fatores que mais marcam a relação entre os irmãos.

Sentimentos ditos negativos, como ciúme, inveja ou rivalidade são naturais entre irmãos, porém dentro de limites, pois caso se organize num modo psicopatológico, podem causar feridas irremediáveis, que afetam o desenvolvimento psico-social e intelectual das crianças, mas podem também ser usados positivamente. O ciúme é, sobretudo, um sentimento organizador da identidade da criança, o “ciúme de seu narcisismo¹” (Rufo, 2003, p.43), que a ajuda a construir a si mesma, na medida em que aprende a se diferenciar do outro, seu irmão.

Nas palavras de McGoldrick & Carter (1995):

“Em nosso mundo moderno, cônjuges podem ir e vir; os pais morrem; os filhos crescem e saem de casa. Mas, se tivermos sorte, os irmãos estarão sempre lá. É raro que nossos cônjuges tenham familiaridade com os primeiros vinte ou trinta anos de nossas vidas, assim como é raro que as amizades durem do início da nossa infância até o fim de nossas vidas. Nossos irmãos compartilham mais de nossas vidas do que qualquer outra pessoa.” (p.216)

Quando jovens adultos, ocorre, na maioria das vezes, um pequeno distanciamento entre os irmãos, pois cada um inicia a sua carreira ou a sua própria família, concentrando-se assim na construção de seu próprio caminho.

A idealização ou fantasia natural que irmãos fazem um do outro, entretanto, pode ter influência direta nas relações amorosas de ambos. Irmãos, segundo Rufo (2003), são os melhores recrutadores de maridos para as irmãs e vice-versa.

De acordo com estudos sociológicos, os irmãos costumam visitar mais os pais do que uns aos outros. Por isso, a morte dos pais afrouxa os laços,

¹ O autor refere-se ao encantamento e à paixão que sentimos por nossa própria imagem ou por nós mesmos, porque não conseguimos diferenciar um do outro.

mas o nascimento de filhos/sobrinhos os estreita, pois desejam que os filhos tenham contato com os primos. A evocação de lembranças está sempre presente, voltando a estreitar, mesmo que por poucos instantes, vínculos que se tornaram frouxos.

Contudo, existem também irmãos que são incapazes de se separar um do outro, pois tiveram algum distúrbio na fase de separação-indivuação na pequena infância. Nesses casos, o casamento do irmão é vivido pelo outro de maneira dolorosa, que fica, muitas vezes, à sombra do casal, com dificuldade de encontrar ele próprio um(a) parceiro(a). Já o irmão que se casa o faz com um sentimento de tristeza e culpa pela “ruptura” da parceria com o irmão.

Finalmente, quando chegamos à meia-idade costuma haver nos relacionamentos fraternos apoio emocional e/ou financeiro mútuo, presença física e envolvimento emocional. Os laços fraternos parecem adquirir uma importância ainda maior à medida que envelhecemos.

Portanto, conclui-se que, toda criança, para crescer, precisa de alguém que a ajude a se diferenciar, com quem faça trocas, partilhe coisas, comunique-se e até entre em conflito e ao que parece, todo esse investimento, esse compartilhar de experiências, é o que torna essa relação de amor, cumplicidade e ambivalências uma relação tão especial e singular.

Rufo (2003), psiquiatra francês, define “fratria” da seguinte forma: “Poderíamos dizer que a fratria é uma doença, uma crônica doença de amor, com seus instantes de cumplicidade, felicidades compartilhadas, lembranças comuns, mas também momentos de crise, rivalidades e ciúmes”. (p.241)

O Vínculo Fraterno:

“Devemos aprender a viver juntos como irmãos ou perecer juntos como tolos”.

Martin Luther King

O vínculo fraterno pode se constituir em um dos vínculos mais duradouros de nossas vidas. Esse vínculo, que se inicia na infância e dura ao longo da vida, tem um poder emocional o qual modela a história de quem nós somos e de quem nós nos tornamos. Podemos afirmar que “os irmãos não são atores de menor importância no espetáculo do desenvolvimento humano” (Bank & Kahn, 1997, p. 15). Ao contrário, hoje se reconhece que os irmãos desempenham um papel importante na complexa história de como as pessoas se desenvolvem e que nem sempre os irmãos vivem somente de “rivalidade”, característica comumente atribuída à relação fraterna. Entretanto, independentemente de o relacionamento ser tempestuoso ou calmo, satisfatório ou frustrante, repleto de conflitos ou profundamente confortante, tem sido reconhecido que irmãos e irmãs podem prover uma base com a qual se modela a vida de cada um.

Dentro da hierarquia familiar os irmãos fazem parte do mesmo subsistema (subsistema fraterno ou fratria), e o relacionamento fraterno é muitas vezes a única relação íntima e diária com iguais e, por isso, é tão rica e complexa; envolve experiências comuns que somente poderiam ser divididas entre irmãos e, por esse motivo, um irmão tem grande impacto sobre o outro. Esse impacto dá-se por meio da mútua socialização, do comportamento de ajuda, das tarefas e das atividades cooperativas, do companheirismo e também dos comportamentos negativos, agressivos e dos conflitos.

Dessa forma, a relação fraterna oportuniza o aprendizado da disputa, da admiração, da inveja, da cooperação, da negociação, da imitação, da possibilidade de comparar-se e diferenciar-se, do dominar, do amar, do ceder; enfim, possibilita o aprendizado de uma gama de habilidades e sentimentos. Esse aprendizado é possível por meio das trocas realizadas e passa a fazer parte das características de cada um de nós. Trata-se de um verdadeiro

laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora da família, ao longo de nossas vidas.

Definindo o Vínculo Fraterno:

Os irmãos formam diferentes tipos de vínculos, um com o outro. Não existe um único “modelo” de relacionamento entre irmãos. Ao contrário, há uma multiplicidade de vínculos que se arranjam entre si em diferentes padrões de relacionamento. Isso ocorre porque a relação fraterna compreende diferentes transações emocionais, podendo ser estas amigáveis e positivas ou negativas e destrutivas. Constatamos que, na infância, como resultado de uma experimentação contínua da relação, é possível aos irmãos, mediante um processo de comparação e identificação, construir e personalizar seus vínculos fraternos. Isso significa que é possível construir relações diferentes, com diferentes irmãos, as quais envolverão diferentes graus de proximidade afetiva.

Assim, o vínculo fraterno pode ser compreendido como resultado de um processo inter-relacional, que é construído e definido a partir das trocas estabelecidas entre os irmãos, as quais poderão satisfazer suas diferentes necessidades. O vínculo fraterno pode ser transformado e re-significado ao longo de toda a vida, o que revela seu caráter dinâmico e duradouro (Oliveira, 2000).

Na perspectiva de Bank e Kahn (1997), um vínculo pode ser um laço que une, uma obrigação, um acordo, uma conexão ou sistema de conexões.

Os mesmo autores definem o vínculo fraterno como “...uma conexão entre duas pessoas, dois irmãos, num nível tanto íntimo como público; é a ligação da identidade de duas pessoas”. Segundo eles, no relacionamento com o irmão, o indivíduo obtém o senso de ser uma pessoa distinta e única e adquire um “senso de presença familiar”. (p. 126)

Em seus estudos, Bank e Kahn (1997) identificaram três condições previsíveis que favorecem o desenvolvimento de vínculos afetivos fortes entre os irmãos: alto grau de acesso entre os irmãos, a necessidade de identidade pessoal significativa e a insuficiência de influência parental.

Nessa perspectiva, os autores concluem que os vínculos entre irmãos se tornarão intensos e exercerão influência formativa na personalidade, se, quando criança ou adolescente, os irmãos tiverem tido muito acesso e contato um com o outro. Quando, aliado a isso, eles tiverem sido privados de cuidado parental confiável, os irmãos poderão usar um ao outro como pilares, na busca de identidade pessoal.

Em concordância com Bank e Kahn (1997), pude identificar (Oliveira, 2000) que o contexto familiar no qual os irmãos estão inseridos é um fator de grande influência em moldar a relação fraterna. Os valores, os mitos, as crenças, as expectativas e as atitudes presentes na família influenciam a qualidade do relacionamento e a maneira como os indivíduos irão conceber seus próprios papéis como irmãos.

A relação fraterna, como todas as relações afetivas, é mutável. Forma-se na infância. Na adolescência dá-se o pico das transformações. Na fase adulta e velhice ocorre um reequilíbrio e uma nova forma de manutenção da relação. Vários fatores podem intervir na qualidade da relação em todas essas fases, facilitando-a ou dificultando-a, determinando a formação de vínculos afetivos mais ou menos intensos.

Uma demonstração do crescente reconhecimento da importância da dinâmica dos irmãos é a inclusão das seguintes áreas no DSM IV: conflitos e agressão entre irmãos, morte de um irmão (luto não resolvido), incesto entre irmãos e doença de um irmão (incluindo distúrbio emocional).

Cicirelli (1995) caracteriza a ligação entre irmãos, em termos de relacionamento, definido-a como:

“... o total das interações (física, comunicação verbal e não-verbal) de dois ou mais indivíduos que dividem conhecimentos, percepções, atitudes, crenças e sentimentos de um para com o outro, desde o tempo que um irmão torna-se consciente do outro. O relacionamento fraterno inclui tanto ações e interações entre os irmãos como o conjunto de componentes subjetivo, cognitivo e afetivo do relacionamento. A implicação disso é que os relacionamentos fraternos podem

continuar a existir mesmo quando os irmãos estão separados pela distância e pelo tempo, sem uma interação contínua”. (1995, p.4)

Tal definição nos apresenta a ligação fraterna como a interdependência de dois indivíduos manifestada em suas interações. Os aspectos cognitivos e afetivos do relacionamento são os responsáveis pela durabilidade e relativa estabilidade da relação, a qual conta com uma influência de um sobre o outro mesmo em sua ausência, o que garante a continuação da relação mesmo em períodos em que não há interação física, assim como a motivação para manter contato após a separação.

O autor também nos aponta que, como em outros relacionamentos, o relacionamento fraterno pode variar, pois envolve diferentes graus de proximidade, variando desde uma extrema proximidade a uma extrema rivalidade e hostilidade, e em alguns casos, total apatia. Assim, alguns irmãos podem ter um relacionamento duradouro com muito contato, proximidade e comprometimento, enquanto outros podem ter um relacionamento puramente formal, com pouco ou nenhum contato e interesse um pelo outro. Os primeiros são relacionamentos próximos, com um alto grau de interdependência ou influência mútua, vínculo de apego, intimidade e envolvimento emocional.

Cicirelli (1995), após inúmeras pesquisas acerca do relacionamento fraterno, afirma que este possui atributos em comum a todos os outros tipos de relacionamentos interpessoais, mas que possui certas características que lhes são únicas, tais como:

O relacionamento fraterno é geralmente o relacionamento mais longo que o indivíduo experienciará em toda sua vida. Assim, a duração pode ser um importante fator na determinação do impacto do mesmo.

Ser irmão é um papel atribuído, ou seja, o relacionamento é iniciado com o nascimento (ou procedimento legal, nos casos de adoção ou recasamento) e termina apenas com a morte de um dos irmãos. Não há dissolução do status de irmão.

O relacionamento fraterno na infância e adolescência apresenta normalmente um contato íntimo diário, uma vez que os irmãos interagem em

casa, em contraste com o relacionamento fraterno na fase adulta da vida, quando a intimidade é mantida à distância, por meio de contato telefônico, cartas e visitas periódicas. Como resultado, o relacionamento fraterno na fase adulta é mais sujeito a mudanças e rompimentos, devido a forças externas e eventos de vida inesperados.

O relacionamento fraterno é freqüentemente visto como relativamente igualitário. Obviamente, alguma diferença de poder ou status pode existir entre irmãos e irmãs, com base em idade, inteligência, conhecimento, habilidades sociais, sucesso econômico, influência dos pais, entre outros. Entretanto, na maioria dos casos há normalmente uma equivalência no sentimento dos irmãos com relação à aceitação de um pelo outro, a qual lhes permite relacionar-se como iguais.

A vida dos irmãos tem em comum uma longa história de experiências compartilhadas e não compartilhadas. Experiências compartilhadas contribuem para similaridade, ao passo que experiências não compartilhadas contribuem para diferenças individuais. Entretanto, uma interação recíproca entre ambientes compartilhados e não compartilhados entre irmãos pode, mais tarde, contribuir para diferenças individuais. Por outro lado, a comunicação entre irmãos sobre suas vidas, seja essa direta ou indireta, pode produzir empatia, facilitando maior similaridade. Em resumo, as similaridades e diferenças entre irmãos não podem ser atribuídas a ambientes compartilhados ou não compartilhados, uma vez que esses ambientes podem não ter sido totalmente desligados e independentes uns dos outros, assim como comunicação e trocas podem ter existido. O relacionamento fraterno está inserido num contexto maior, ao longo do ciclo de vida do indivíduo, o qual simultaneamente e paradoxalmente, pode continuar a fazer os irmãos mais similares em alguns aspectos e mais diferentes em outros.

A Qualidade do Vínculo Fraterno:

Estudiosos do assunto afirmam que o vínculo fraterno é uma ligação muito significativa. Dura por toda a vida, configurando em muitos sentidos, nossa existência. Pode se desenvolver de forma bastante variada: ser um vínculo forte e intenso para alguns e para outros, um relacionamento de

menor importância e influência; pode satisfazer, para alguns, a necessidade de apego e para outros, ser prejudicial. Tendo em vista essa possibilidade dimensional, alguns estudos acerca do relacionamento fraterno buscaram determinar possíveis variáveis que interferem na qualidade do vínculo.

Segundo os autores Bank e Kahn (1997) irmãos que vivem a vida sem muita ressonância de um para o outro, ou seja, parecem ter pouco impacto emocional um sobre o outro, têm as seguintes características: freqüentemente apresentam idades muito diferentes, separadas por um grande espaço de tempo; dividiram pouco tempo, espaço ou história pessoal, estudando por exemplo em escolas diferentes, tendo diferentes amigos e tendo inclusive pais que agiram de forma bastante diferente (considerando que as pessoas são pais diferentes em diferentes idades); não têm senso de história compartilhada; e finalmente não precisaram um do outro, nem seus pais precisaram que eles necessitassem um do outro.

Os autores enfatizam que similaridade de idade e sexo promove acesso a eventos de vida comuns. O caso mais extremo de alto acesso seriam os gêmeos idênticos ou monozigóticos. Acesso aqui como fator decisivo para o vínculo emocional entre irmãos. Assim, afirmam que um alto acesso durante os anos de formação é quase sempre acompanhado de um relacionamento entre irmãos importante e influente.

Segundo Bank e Kahn (1997) quanto mais cedo o acesso começar e quanto mais prolongado ele for, mais intenso será o relacionamento entre irmãos, quando fatores estressantes como separação, morte, doença ocorrerem mais tarde.

Tais dados estão em concordância com os encontrados por Cicirelli (1995) em cujo estudo buscou relacionar os sentimentos fraternos a variáveis como sexo e ordem de nascimento em estudantes universitários. Seus resultados demonstraram que os respondentes sentiam-se mais positivamente vinculados a irmãos mais próximos em idade. Da mesma forma, em seu outro estudo com adultos de meia idade, reportou que a proximidade entre irmãos estava fortemente relacionada ao sexo do respondente e do irmão. Díades de irmãs foram as que relataram índices mais altos de proximidade.

Além dos estudos citados, um estudo qualitativo feito por Ross e Milgram (1982) buscou conhecer, dentre outros objetivos, o que traz proximidade entre irmãos. Constataram que o aspecto de maior influência para o surgimento de sentimentos de proximidade entre irmãos era o próprio contexto familiar no qual os irmãos cresciam. O senso de pertencer à família e de ser próximo a um irmão em particular foi fortemente determinado pelas experiências compartilhadas na infância. Ross e Milgram descobriram que certas condições poderiam impedir tal proximidade de se desenvolver, como por exemplo, irmãos com grandes diferenças de idade ou irmãos que foram separados durante a infância.

Em relação ao estudo do relacionamento fraterno muitos estudiosos apontam que a qualidade do mesmo não é determinada por um único fator. Estudos têm demonstrado que uma ampla gama de fatores influenciam na qualidade do vínculo fraterno tais como temperamento individual da criança e principalmente o acesso que os irmãos têm um ao outro e as características do contexto familiar mais amplo.

Função Fraterna em Psicanálise:

“O homem é inteligente porque tem irmãos”.
Anaxágoras

Na psicanálise, Freud faz uma associação entre “massa” e “fratria” em *“Psicologia das massas e análise do eu”* ao falar das formações sociais típicas dos fenômenos de massa, ou seja, anulação das diferenças entre os membros de uma coletividade e identificação com o líder representante de um ideal comum. Da mesma forma, em *“Totem e tabu”* há a associação entre fratria e criminalidade, visto que o crime compartilhado intensifica os laços fraternos e exige a produção de um ideal coletivo. Neste mito freudiano, o ideal coletivo vela e legitima o assassinato e a partir deste os irmãos são forçados a haver-se com suas diferenças. A condição para elaboração da culpa é a lembrança do caráter coletivo do ato. Então, há uma quebra na idéia que associa fraternidade e igualdade, pois os irmãos só são “iguais” enquanto se mantêm em seu estatuto de filhos e em sua submissão diante do “pai tirânico” e assim a substituição da tirania pela Lei, permite o surgimento das diferenças. Esta passagem do coletivo ao individual através da narrativa mítica é muito ilustrativa no contexto atual, no qual o individualismo moderno promove o recalque do caráter coletivo.

A partir desta idéia de formação coletiva, pretende-se examinar os outros modos de operação da relação do sujeito com seus semelhantes. Maria Rita Kehl (2000) propõe a função fraterna como tema central de seu estudo, pois acredita que o irmão (o outro, o semelhante) contribui de forma decisiva na constituição do sujeito. Segundo ela, a condição fundamental da convivência fraterna refere-se à semelhança na diferença.

Na teoria freudiana, o irmão é mencionado como intruso e como rival, esta rivalidade está calcada na disputa pelo seio materno, já que segundo Freud, os ciúmes fraternos são causados pela disputa que cada irmão estabelece pela exclusividade do amor da mãe. O irmão também é mencionado, em Freud, como precipitador da angústia de castração.

Lacan (1938), ao analisar o “complexo fraterno”, enfatiza a identificação como o aspecto determinante da rivalidade entre irmãos. O irmão funciona

como um “duplo” que vem ameaçar e desestabilizar a identidade imaginária da criança em relação a sua imagem no espelho. Ele precisa deste irmão para a formação do eu, pois traz na organização narcísica infantil a confrontação com a máxima semelhança e a inevitável diferença, o irmão força o rompimento da prisão especular daquele que até então se via como idêntico a si mesmo, como objeto do desejo materno ou como sujeito identificado ao “traço” instituído pelo “nome do pai”². Segundo Lacan (1938), o ciúme entre irmãos não é fundado na rivalidade em torno do amor dos pais, como dito anteriormente, mas na identificação mental do sujeito para com este semelhante (o irmão). O outro é rival, antes de mais nada, em relação à própria imagem narcísica do sujeito: “cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com ela se identifica”. (p. 157)

Em relação ao aspecto apresentado anteriormente sobre a imagem corporal, Lacan (1938) afirma, que a imagem unificada do corpo do outro (o irmão) é que possibilita à criança fazer uma reunificação do próprio corpo, sentido como despedaçado. A imagem deste duplo organiza a imagem do próprio corpo, em sua função de relação. Dessa forma, a imagem do outro está ligada à estrutura do próprio corpo.

Torna-se importante ressaltar aqui, que caso o irmão surja quando a função unificadora do estágio do espelho já se cumpriu, o aparecimento do semelhante na diferença produziria o efeito de um descolamento, como que uma distorção da imagem do sujeito, ao introduzir a dúvida: eu sou ele? ou então: quem sou eu se não sou aquele, tão semelhante mas ainda assim, um outro? E se a criança tende, num primeiro momento, a colocar a resposta em termos de “ou eu, ou ele”, o efeito persecutório desta exclusão a força a concluir: eu sim, e ele também.

No “estágio do Espelho” Lacan (1948) enfatiza a função do outro como essencial para que a criança se mova, do encantamento alienante em relação à própria imagem, para uma objetivação do eu. Segundo ele “o espelho é a matriz simbólica na qual o eu se precipita em uma forma primordial, antes de

² O Nome do Pai é um termo criado por Lacan originalmente em 1953 e logo conceituado em 1956 para designar o significante da função paterna.

objetivar-se na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (p.86).

Torna-se evidente então, a necessidade de uma função fraterna atuando sobre a constituição do eu, sem a qual o sujeito torna-se incapaz de reconhecer-se fora da relação especular fornecida pelo olhar materno, e passa a ver no outro uma ameaça constante. No entanto, a função fraterna não substitui a função paterna, que opera para fundar o sujeito no sentido do sujeito do desejo inconsciente. A função fraterna faz, portanto, suplência à função paterna, na medida em que possibilita separar a Lei da autoridade do pai real³.

As experiências cotidianas compartilhadas com os irmãos permitem a quebra da ilusão identitária para o sujeito, ao produzir um campo horizontal de identificações entre os semelhantes, secundárias em relação à identificação com o ideal representado pelo pai, mas essenciais no sentido da diversificação que possibilita, para os destinos pulsionais que têm que ser constituídos pela vida afora.

As identificações fraternas, secundárias em relação ao eu ideal, horizontais em comparação às identificações “verticais” com os ideais paternos permitem a substituição de uma ilusão identitária, que irá produzir o fantasma do duplo perseguidor, por um campo identificatório diversificado, no qual o sujeito pode se mover, livre da exigência narcísica de ser sempre “idêntico a si mesmo”. Esta dinâmica acontece principalmente, quando os irmãos têm idades próximas, favorecendo a identificação.

Lacan (1938) afirma que o papel psíquico do irmão depende do momento de seu aparecimento na vida do sujeito. Quando é excessivamente precoce é mais provável que sua intrusão promova impulsos de destruição imaginária do outro ou uma regressão em direção ao objeto materno, anterior. Já quando a diferença de idade é maior, é provável que o irmão seja “adotado”, lançando o sujeito no plano das identificações parentais e mobilizando sentimentos de ternura e proteção.

³ quem instaura a Lei, na sua forma civilizatória, não é o pai real (com a arbitrária lei de seu próprio desejo) mas a comunidade dos irmãos. “A Função Fraterna” trata da função dos irmãos nas formações sociais próprias da democracia: a legitimação da autoridade, as recriações revolucionárias e o funcionamento das instituições. Kehl, M. R. (2000). *Existe uma função fraterna*.

Portanto, a autora do capítulo “Existe uma função fraterna” do livro *Função Fraterna* procura “chamar a atenção para o caráter necessário, não contingente, da participação do semelhante no processo de tornar-se sujeito, para os humanos.”

Capítulo IV – GÊMEOS

“A verdade está além de qualquer realismo e a aparência das coisas não deveria ser confundida com sua essência”.
Juan Gris (1887-1927), pintor espanhol do cubismo sintético.

Após ter apresentado e discutido questões relevantes sobre irmãos em geral, introduzo o foco central do presente trabalho com este capítulo intitulado “Gêmeos”. Esclareço ainda que me estendi no assunto anterior por considerá-lo fundamental para o tema escolhido e pela escassez de material especificamente sobre gêmeos em relação à irmãos em geral. Além disso, irmãos gêmeos são sobretudo ... irmãos.

O tema irmãos gêmeos tem gerado bastante interesse no imaginário cultural ao longo da história. Em diferentes épocas ou culturas a visão sobre a gemelaridade pode mudar muito. Sobre isso Lawrence Wright (1997), jornalista americano interessado neste tema diz que "... os gêmeos têm confundido a humanidade desde o princípio dos tempos, quase como se fora uma brincadeira divina para por em dúvida nosso sentido de individualidade e de ser únicos no mundo..."

Desse modo, todas as culturas têm de fazer frente ao fenômeno dos gêmeos e chegar as suas próprias conclusões. Sabe-se, por exemplo, que em algumas sociedades indígenas, o nascimento de gêmeos era vivido de forma trágica. Achavam os índios que um gêmeo era dotado de uma “alma boa”, enquanto o outro gêmeo tinha uma “alma do diabo”. Como não sabiam quem era o representante do bem e quem era o do mau, sacrificavam os dois bebês para que nada de ruim ocorresse na tribo.

Na antiguidade, é sabido que em algumas culturas, os homens cortavam um de seus testículos com a crença de que assim, evitariam ter filhos gêmeos. Por outro lado, os participantes de Vodou da África Ocidental e do Haiti exaltam aos gêmeos como seres sobrenaturais com uma só alma, que devem ser venerados e temidos.

Na literatura mundial, vários escritores utilizaram gêmeos como personagens de histórias e biografias. Na bíblia temos Esaú e Jacob, inspiradores da obra de Machado de Assis, na mitologia temos Rômulo e

Remo, Castor e Pólux da Constelação de Gêmeos, no cinema temos Beverly e Elliot Mantle em “Gêmeos, Móbida semelhança” apenas para citar alguns exemplos.

Irmãos Gêmeos:

Como já foi dito quanto mais cedo o acesso começar e quanto mais prolongado ele for, mais intenso será o relacionamento entre irmãos, quando fatores estressantes como separação, morte, doença ocorrerem mais tarde. Portanto, no caso de irmãos gêmeos monozigóticos, que normalmente têm alto acesso um ao outro, visto que geralmente estudaram nas mesmas escolas, brincaram com os mesmos amigos, namoraram pessoas da mesma turma, tiveram um quarto comum, usaram a roupa um do outro, entre outros aspectos, mais forte e intenso torna-se o vínculo fraterno entre eles.

Rufo (2003) coloca que os gêmeos costumam tardar a responder individualmente a seu próprio nome, reconhecendo-o só a partir dos dois anos de idade, quando a maioria das crianças o fazem já aos seis meses. Também levam muito mais tempo que as outras crianças para dominar o uso dos pronomes pessoais “eu” e “você”, usando com muito mais frequência o “nós”. Por tudo isso, é necessário que suas diferenças sejam acentuadas, e as sutilezas deles em relação ao mundo ressaltadas, para que sua separação-individação seja possibilitada. Afinal, como disse Rufo (2003):

“...embora tenham os mesmos pais e compartilhem o mesmo patrimônio genético, não é obrigatório que pensem a mesma coisa, nem que tenham a mesma opinião sobre tudo. Cada um tem seu ritmo próprio de desenvolvimento; algumas crianças podem encontrar dificuldades e outras não”. (p.65-66)

Desde a fecundação, a ligação existente entre os gêmeos é muito forte. Sejam eles idênticos ou fraternos, a relação entre irmãos gêmeos é muito significativa, podendo gerar marcas que ficarão para sempre na memória de ambos. "Acredito haver uma interação muito grande entre os gêmeos desde o início da vida. Alguns autores chegam a suspeitar de alguma interação inclusive na vida intra-uterina, embora existam ainda poucas pesquisas a

respeito e, por isso, o assunto ainda é considerado bastante polêmico. Geralmente, os pais relatam haver uma relação mais intensa entre os irmãos gêmeos do que entre os irmãos não gêmeos” (p. 15) disse a psicóloga londrinense Maria Elizabeth Barreto de Pinho Tavares Viotto (1999), autora do livro *Conversando sobre Gêmeos*.

Além disso, gêmeos costumam construir uma linguagem codificada, que só eles mesmos entendem, e isto normalmente gera um atraso na aquisição da linguagem, equiparando-se com outras crianças apenas aos seis ou sete anos. Isto é preocupante, uma vez que a linguagem é matéria prima do pensamento e distúrbios da linguagem acabam interferindo na elaboração deste, podendo provocar com isso um distúrbio de cognição e perturbações psicológicas graves.

Ao crescerem, gêmeos costumam usar sua semelhança para confundir e brincar com as pessoas, tirando muitas vezes proveito disso, em relação a namorados(as) e às provas escolares. Sobre isso, Tilmans (2000), terapeuta belga especialista em tratamento de família com crianças e professora na Universidade Católica de Louvain na Bélgica, coloca que “é de fundamental importância apoiar cada criança em sua identidade separada. Além disso, trabalhar as semelhanças de traços físicos e de personalidade das crianças com os pais é também muito promissor” (p.62).

Como já dito, o tempo de convívio entre irmãos, assim como a intensidade dessa relação, influem diretamente no relacionamento que o indivíduo manterá com outras pessoas no futuro. Em gêmeos estes dois fatores são mais significativos.

Marcel Rufo (2003), psiquiatra francês, refere-se aos gêmeos como “fratria extrema” e assim sintetiza o que foi exposto acima. (p. 147) Como diz Rufo (2003) “Tudo deve ser posto em prática para separar essas crianças inseparáveis”. (p. 157)

O autor segue dizendo que o problema de gêmeos não é aprenderem a viver juntos, como irmãos, mas ao contrário, aprenderem a se diferenciar, compreender que cada um é um. “A dificuldade é encontrar com muita

frequência, seu duplo entre si e o adulto, já que um e outro têm exatamente as mesmas necessidades vitais e as mesmas expectativas afetivas”. (p.157)



Representação dos gêmeos na astrologia.

Os Gêmeos na Psicanálise:

*"Meu irmão é tão bonito como o pássaro amarelo,
E quisera dar para ele o sabor do meu próprio destino,
A projeção de mim, a essência duma intimidade incorruptível!"*

Mario de Andrade (1893-1945)

Uma questão importante levantada por Winnicott (1957) refere-se à expressão Gêmeos *Idênticos*, a partir da qual ele faz uma crítica à forma como esta espécie de gêmeos é chamada, pois se as crianças fossem idênticas, cada uma delas seria a mesma, somariam uma, o que seria irreal. São semelhantes, mas não idênticas e justamente o risco é que as pessoas as tratem como idênticas e se as pessoas assim o fizerem, os próprios gêmeos se sentirão confusos sobre as suas próprias personalidades. Excetuando-se o fato de serem gêmeas ou não, as crianças ficam inicialmente muito perturbadas sobre suas próprias identidades e só gradativamente tornam-se seguras de si mesmas. As crianças só usam os pronomes muito depois de começarem a balbuciar as primeiras palavras. Dizem “mamãe” e “papai” e “cão” muito antes de dizerem “eu” e “tu” e “nós”.

Pode ocorrer que os gêmeos sentem-se próximos pensando cada um que o outro não é uma pessoa separada. Seria natural para este bebê pensar que se trata dele próprio em frente a ele, como olhar num espelho, do que expressar que seu gêmeo está sentado em frente a ele. No entanto quando um deles é erguido e afastado do outro, este sente-se perdido e enganado. Esta é uma dificuldade que só poderá ser superada se os conhecermos como duas pessoas.

Posteriormente, se os gêmeos passarem a ter uma forte confiança em suas identidades, poderão dedicar-se à exploração de suas semelhanças mútuas e só então haverá espaço e condições para divertimentos e brincadeiras sobre o tema da identidade trocada.

Portanto, é importante que não se considere como uma verdade absoluta que os gêmeos queiram passar a vida juntos. Pode ser que sim, mas também pode ser que não. Assim, pode ser muito positivo qualquer acontecimento que separe os dois por um momento, pois é mais fácil tornar-se

uma pessoa integral estando sozinha do que na companhia do próprio irmão gêmeo.

A unidade do ego só poderá se fazer mediante a projeção do interior de um corpo sobre o outro, objeto externo, corpo materno que recebe a projeção e como um espelho permite a identificação. Sempre a unidade egóica implica num par ego-objeto, dentro-fora, consciente-inconsciente. Uma mãe, um bebê.

Entretanto, no caso de gêmeos, trigêmeos ou mais, não existe EU e sim NÓS. Dois ou mais bebês necessitam de uma mesma mãe para nascerem psiquicamente como sujeitos.

Winnicott refere-se à mãe suficientemente boa, à preocupação materno-primária. Como será isto numa mãe de gêmeos? Ana Maria Baceiro (1991), psicanalista argentina, quando fala em Gêmeos e sua mãe, propõe pensar em um aparelho psíquico para dois: "... no caso de gêmeos, o ego não se coloca em uma posição de sujeito-ativo. Não consegue uma identificação plena com o duplo ou modelo. Fica interferida a capacidade de ligar a pulsão que ameaça o aparelho psíquico com o surgimento de um afeto insuportável, como conseqüência de uma falha na identificação primária. Não é que o sujeito não se constitua, mas fica descentrado do ego e realiza uma identificação substitutiva com o outro sujeito identificado com o modelo ou ideal: o outro gêmeo. O sentimento de ser, que deveria surgir como ganho da identificação primária, fica substituído por um sentimento de inalteridade que protege, entretanto de um colapso afetivo". (p. 175)

A potencialidade psíquica de cada bebê de gerar seu próprio duplo sempre está presente. Porém como lembra Baceiro (1991), esta produção deverá dar-se em um contexto vincular onde a possibilidade da mãe de cumprir uma dupla função está em jogo. Aqui, a mãe, objeto refletor devolve uma só imagem para dois.

A partir desta idéia, surge a pergunta: Será isto possível? Uma mesma mãe reflete a mesma imagem para dois? Poderá ser a mesma mãe para dois bebês diferentes?

Sobre esta questão Winnicott (1957) defende que se as mães de gêmeos pudessem escolher, provavelmente, muitas não optariam por ser mães

de gêmeos. Da mesma forma, exemplifica dizendo que há gêmeos que, se pudessem ter escolhido, prefeririam ter nascido cada um por sua vez.

Ele sugere ainda que a idéia de que os gêmeos se querem entranhadamente precisa ser melhor investigada. Quando duas crianças foram colocadas uma junto da outra, sem que fossem consultadas, elas não podem saber se teriam escolhido conhecer-se mutuamente. Apenas depois do ódio ter sido expresso, o amor tem uma probabilidade.

O autor ainda desmistifica o assunto dizendo que o nascimento gemelar trata-se de fenômeno perfeitamente natural. No entanto, acredito que a realidade do nascimento gemelar enquanto exceção em comparação aos nascimentos simples proporciona experiências singulares na atenção que desperta e representa desafios próprios aos que vivenciam esta situação, sejam os próprios gêmeos, os pais, os companheiros ou os amigos.

Winnicott esclarece também que na gemelaridade assim como há vantagens, há também desvantagens. A partir desta idéia, podemos admitir que se por um lado deve ser agradável para cada criança ter companhia, especialmente quando os dois gêmeos crescem, por outro, há também uma dificuldade referente à maneira como cada bebê se desenvolve. Normalmente os bebês começam a formar as bases de suas personalidades e individualidade logo após o nascimento.

Ao analisarmos a evolução emocional da criança, perceberemos que o desprendimento ou a tolerância em aceitar a perspectiva do outro só se afirma de forma estável e sadia se tiver havido uma experiência primária de egoísmo. Esta experiência de “egoísmo primário” é a experiência de uma assistência materna adequada, uma boa mãe disponível a adaptar-se inicialmente aos desejos e necessidades de seu bebê, permitindo que os impulsos dele comandem a situação. Se esse “egoísmo primário” não ocorrer, o desapego de uma criança será impedido pelo ressentimento. No início, a mãe deve estar disposta a possibilitar ao seu bebê o sentido de posse e a sensação de que controla a mãe. Suas próprias necessidades particulares não são inicialmente impostas ao bebê. Com a experiência do egoísmo primário estabelecida, o bebê está apto a ter posteriormente alteridade e ser desprendido sem ressentimento.

De modo geral, quando os bebês nascem sozinhos, cada um pode levar o tempo que demandar para o reconhecimento de que sua mãe pode ter outros interesses. Além disso, cada bebê tem seu momento próprio para acolher um irmão e o momento em que um filho “permite” à mãe uma nova gravidez é importante.

Por outro lado, o gêmeo tem sempre outro bebê com quem conviver e compartilhar a mãe desde o início de seu desenvolvimento. Surge então uma questão a se discutir sobre se os gêmeos sentem ou não que cada um exerce a posse da mãe nos primeiros meses. Assim, torna-se evidente que a mãe de gêmeos tem uma tarefa extra, pois esta deve dar-se a dois bebês simultaneamente. Até certo ponto, ela deve admitir o fracasso, visto que esta mãe deve contentar-se em fazer o melhor possível. A esperança nos gêmeos é que estes encontrem posteriormente vantagens que compensem essa desvantagem da gemelaridade.

Portanto, devemos admitir que é impossível à mãe satisfazer ao mesmo tempo às necessidades imediatas de dois ou mais bebês. Ela não pode, por exemplo, pegar cada um dos dois primeiro, seja para alimentar ou dar banho. Desse modo, ela perceberá que sua meta não é tratar cada filho de maneira idêntica, mas sim tratá-los como se fossem únicos. Assim, a mãe de gêmeos tentará descobrir diferenças entre cada bebê desde o nascimento. Normalmente, a mãe acabará notando que os temperamentos são distintos e que se ela vir cada um como uma personalidade total, cada um deles desenvolverá características pessoais. De forma geral, muitas dificuldades dos gêmeos são decorrentes deles nem sempre serem reconhecidos como diferentes um do outro, mesmo naquilo em que são extremamente distintos. Exemplo disso, sugerido por Winnicott (1957) pode ser o caso de duas irmãs gêmeas, que costumavam ser chamadas cada uma delas de a “Gêmea”.

Uma solução que não mostra-se eficaz é a mãe cuidar de um dos bebês e entregar o outro a uma babá. Ao repartir a assistência dos bebês desse modo, haveria apenas um adiamento do problema, pois eventualmente o gêmeo entregue aos cuidados da babá expressará seu ciúme do irmão que a mãe cuidou.

As crianças gêmeas precisam que sua própria mãe reconheça a identidade de cada uma delas, sem qualquer demonstração de hesitação. É essencial que não se estabeleça confusão entre as próprias crianças e, para isso, tem de haver alguém que as distinga com facilidade desde o princípio.

Então, como já foi exposto, a principal dificuldade na criação de gêmeos é essa questão do tratamento pessoal e assistência a cada um deles, de modo que a totalidade e a unicidade seja plenamente reconhecida. Mesmo tratando-se de gêmeos idênticos seria necessário que a própria mãe mantivesse com cada um deles uma relação total.

No caso de gêmeos uma medida positiva é organizar as coisas de maneira que quando um bebê grita, a mãe não tenha de socorrer dois chorando ao mesmo tempo. Não apenas é muito complicado ter de acudir simultaneamente aos dois, mas também ter um rival na fase infantil de “ditadura natural” impede que o bebê que chora domine a cena e os efeitos disso persistem por muito tempo na vida de um gêmeo.

Além de Winnicott, outros autores psicanalistas como Freud e Lacan também ocuparam-se do tema irmãos gêmeos. Psicanalistas contemporâneos como L. Kancyper, E. Braier e Maldavsky escreveram sobre o duplo, o complexo fraterno em gêmeos, a formação também da identidade, dentre outras questões.

Para prosseguirmos com o estudo teórico acerca de gêmeos, precisamos nos remeter ao narcisismo primário e à criação do duplo. Freud (1920) propõe duas versões sobre o conceito de narcisismo primário. Por um lado designa como tal o princípio de Nirvana, a redução das tensões a nível zero. Por outro lado, demonstra a passagem do autoerotismo ao estágio constitutivo da unidade do sujeito, ou seja, o investimento das pulsões parciais autoeróticas. Emergindo da fragmentação, este ego incipiente realiza um duplo movimento. Mediante a projeção, funda uma primeira exterioridade como modo de fazer conscientes os processos inconscientes antes do advento da palavra.

Configura-se, uma primeira realidade sensorial criando um duplo sobre o qual recai o narcisismo inicialmente colocado no corpo. Num movimento seguinte, o ego apodera-se identificatoriamente daquilo que foi projetado no

objeto. É o momento da identificação primária e a constituição do sentimento de ser.

Formam-se assim os duplos da época do narcisismo primário. Em 1919, Freud no trabalho intitulado "O Estranho", descreveu três tipos de duplos: imagem especular, sombra e espírito. Estes se igualam devido a forma de produção (projeção e identificação) e se diferenciam através do tipo de representação-corpo que será projetado no mundo sensorial como duplo.

Complexo Fraterno:

Um aporte técnico interessante e indispensável ao atendimento psicanalítico de gêmeos, diz respeito ao estudo desenvolvido por Luis Kancyper (1995) sobre o complexo fraterno: "O irmão é um semelhante demasiado semelhante, é a primeira aparição do estranho na infância. O enfrentamento com o outro, o intruso, o duplo-comporta compromissos narcisistas consideráveis e pode ou não reativar, por sua vez os conflitos edípicos". (p. 50)

O complexo fraterno é estruturante da personalidade e possui uma fantasmática particular em cada sujeito. Segundo Kancyper (1995) são exemplos de fantasias inerentes a fratria, entre outros: fratricidas (Caím e Abel); furtivas e de excomunicação (Jacob e Esaú); de gemelaridade (Rômulo e Remo); de complementaridade (Moisés e Aarão); de bissexualidade (o mito de Narciso segundo Pansias) e de confraternidade (reconciliação de José e seus irmãos).

Na estrutura fraterna intervém a dinâmica do duplo, mas aí está presente uma singularidade: é um duplo consangüíneo. Assim, a filiação consangüínea e o duplo, como objeto de projeção narcisista, operam de forma conjunta e exercem seus efeitos clínicos na amizade, na área profissional e nos papéis parentais e conjugais.

O Duplo:

"Eu que me agüente comigo e com os amigos de mim"
Fernado Pessoa

O “duplo”⁴ especular manifesta-se de uma forma eloqüente na gemelaridade. É o suporte da tensão surgida entre a impossibilidade de uma exata coincidência espelhada em um outro e a inquietante ameaça da perda ou roubo parcial ou total da identidade. Caracteriza-se pela bipolaridade. Como diz Lacan (1948) “evocam a predestinação e a antecipação de uma permanência e imortalidade (...) e por outro lado, suscitam o terror a um enfrentamento com o similar, portanto com o redundante que ameaça a unicidade(...)” (p. 14)

Em 1938 em *A Família*, Lacan sustenta que primeiro se dá a identificação com o irmão e secundariamente surge a agressividade primordial, sobretudo na situação fraterna primitiva, a que permite ao sujeito completar seu desdobramento, porque na imagem do intruso fixa um dos pólos de seu masoquismo primário. Isto explicaria o que Freud descreveu em 1919 em “O estranho” sobre a troca de significado que acontece no duplo: de uma garantia de sobrevivência, passa a ser o intruso, anunciador da morte.

Na fratria gemelar o duplo escópico se impõe. Ele tem um caráter familiar e ao mesmo tempo estranho e corresponde a uma época primitiva do desenvolvimento infantil, onde ego e mundo externo ainda não estavam bem delimitados. Ainda no artigo de 1919, Freud diz que existe um efeito estranho, repulsivo quando se anulam os limites entre fantasia e realidade. No momento em que aparece em nossa frente como real, algo que havíamos tido como fantasmático, um símbolo assume a plena operação do simbolizado. O duplo opera com os limites da mesmidade e da alteridade e pode ser fonte de angustias confusionais e de relações de objeto narcisistas: “se instala na espacialidade psíquica do sujeito como um inquilino violentador que impede ao ego ser o dono de sua própria casa e o transforma em seu próprio escravo”. (p. 147)

⁴ Quanto ao fenômeno específico do duplo, Freud (1919) afirma :
“Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens pelo que chamaríamos telepatia -, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu self”. (p. 292)

Os Gêmeos na Prática Psicanalítica

Torna-se pertinente trazer o que Kancyper (1992) diz sobre uma configuração fantasmática que nomeou como “os vasos comunicantes” e que aparece em inúmeros casos de gêmeos. (p. 53)

Esta fantasia está baseada sobre o modelo físico de um sistema hidrostático composto de dois ou mais recipientes que se comunicam por sua parte inferior. Neste sistema pode-se verificar, experimentalmente, que um líquido em um deles, fará com que todos se equilibrem no mesmo nível: na realidade todos os vasos formam um só.

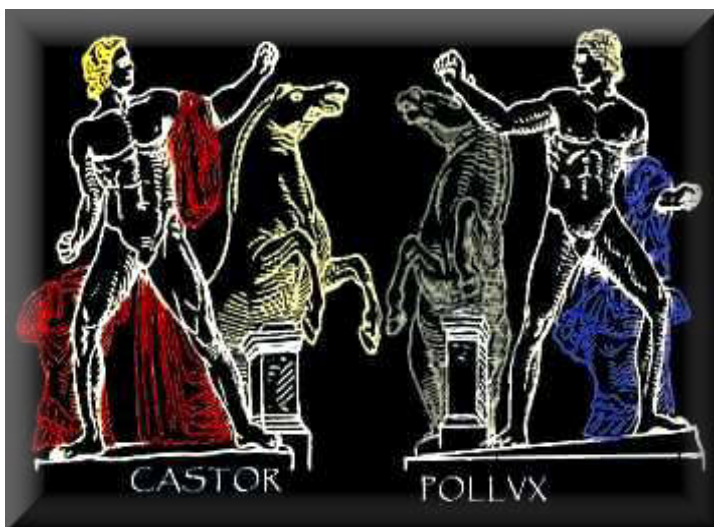
A aplicação deste funcionamento físico à fantasia fisiológica da consangüinidade, configura a representação dos irmãos como se fossem vasos comunicantes unidos por laços de sangue. O tubo de comunicação parental, é a fonte inesgotável que nutre e distribui a todos os integrantes do sistema, de um modo igualitário, para que finalmente tudo se mantenha em um perfeito equilíbrio. (1992)

"Este sistema premia a nivelção e condena a diferença. Nivelção não é solidariedade. É a negação da alteridade e da mesmidade..." (p. 53)

Rehfeld (2003) explica que este princípio impede que nos surpreendamos com as imprevisíveis possibilidades e realizações que podem surgir a partir das diferenças. Os gêmeos só podem ser estáveis psiquicamente se afirmarem as suas diferenças. Segundo a autora aí entra o papel do psicanalista. Ajudado pelo desenvolvimento da ciência, em especial a ultrasonografia e os exames pré-natais cada vez mais sofisticados, ele pode intervir precocemente na difícil função de criar e educar filhos gêmeos e ajudar aqueles que tem uma imagem de si mesmos em espelho a crescerem descobrindo sua singularidade.

Retomo Winnicott (1957) citado anteriormente, ao dizer que é possível o desenvolvimento de gêmeos com identidades próprias bem definidas e maduras. Para tal, é preciso que estes tenham a experiência do egoísmo primário e a possibilidade de, em algum momento da vida, expressarem seu ódio como qualquer dupla de irmãos. É preciso também que tenham a

possibilidade de expressarem seu desejo de terem chegado cada um por sua vez. Para que este grau de intimidade consigo mesmo e com o outro possa ser conseguido, é necessário que a mãe de gêmeos tenha vencido o desafio ou tarefa extra de dar-se toda a dois bebês ao mesmo tempo. E, principalmente, reconhecer que seus filhos são semelhantes, mas não idênticos. (p.159)



Os gêmeos Castor e Pólux que na mitologia formam a constelação de gêmeos.

Capítulo V – ILUSTRANDO O TEMA

"O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente."
Carlos Drummond de Andrade

Considero valioso o uso do filme de Chico Teixeira "Carrego Comigo" e do livro de Célia Cristina *Ana e Ana* não como foco principal de análise do trabalho, mas para ilustrar de forma clara questões teóricas amplamente discutidas, enriquecendo assim meu estudo.

As produções apresentam de forma primorosa a interação entre irmãos gêmeos univitelinos e suas implicações e deu-me condições para expor os aspectos mais relevantes da experiência gemelar. Assim, pude observar nestes trabalhos semelhanças reveladoras com o que encontrei nos textos específicos do tema. Ambas as produções configuram-se como uma importante ferramenta para ilustrar aspectos centrais do estudo feito até agora.

Descrição e Análise do Documentário de Chico Teixeira "Carrego Comigo"

"Quantas vezes terei de viver as mesmas coisas em situações diversas?"
Clarice Lispector (1920-1977)

Através do movimento de câmera o filme se inicia conosco telespectadores na pele dos gêmeos, objeto de estudo do filme. Como se fossemos gêmeos percorremos as ruas e percebemos os olhares de espanto e admiração. Assim, sentimos que chamamos a atenção a nossa volta e entramos no mundo dos gêmeos univitelinos ou "idênticos" a partir de suas próprias perspectivas.

Somos muito abordados por desconhecidos que nos indagam se somos gêmeos e fazem os mais diversos comentários sobre o quanto somos parecidos ou o quanto somos diferentes. Além disso, muitas brincadeiras são feitas nos chamando de "clones", "fotocópias" ou "par de vasos". Assim é o mundo retratado no filme vivido pelos gêmeos. Quando juntos convivem

constantemente com reações de surpresa, admiração e interesse. Há um certo encantamento com a presença dos gêmeos.

Nas cenas seguintes somos expectadores. Estamos na platéia assistindo às apresentações das cantoras: Célia e Celma, Pepe e Neném, Dori & Dori (as drag-queen Marcio e Marcelo), os modelos e atores Carlos e Cláudio, o concurso Miss Guanabara 1966 com as gêmeas Ana Cristina e Maria Elizabeth disputando o título, o desfile de moda com Carolina e Mariana Bittencourt, a cerimônia religiosa dirigida pelos padres Henrique e Clemente e a exibição de nado sincronizado das gêmeas Bia e Juliana.

Somos convidados a entrar no local de trabalho dos automobilistas e roteiristas Stanley e Ricardo e das cabeleireiras Maria Madalena e Maria Francisca; observamos os cartunistas Francisco e Paulo Caruso desenhando; participamos da comemoração do aniversário duplo de Marcio e Flaviomar; assistimos ao ultra-som que mostra a gestação de gêmeos do sexo masculino e aos seus nascimentos; e finalmente fazemos uma visita à prisão, onde os gêmeos Eduardo Marcelo e Eduardo Rogério cumprem pena por assaltos.

No decorrer do filme passamos a nos colocar no papel do entrevistador e assim buscamos investigar e revelar os principais aspectos vividos e sentidos na experiência gemelar por meio dos depoimentos dos próprios pares de irmãos gêmeos entrevistados.

Identities Confundidas:

As histórias relatadas no filme pelos diferentes pares de irmãos gêmeos apresentam semelhanças claras entre si. As experiências com as trocas de nomes são comuns. Quando estão juntos parece haver uma maior facilidade de distingui-los, mas há dificuldade em acertar os nomes. Houve relato ainda de momentos nos quais até eles mesmos se confundem, conforme contou Mariana Bittencourt: “Certas manhãs ao olhar-me no espelho digo: Carolina eu hoje estou a sua cara”.

Algumas confusões de identidade são curiosas, como por exemplo, quando as esposas do Marcio e do Flaviomar realizavam os partos na mesma maternidade. Como um dos gêmeos teve muitos filhos com sua

mulher, os nascimentos dos filhos do outro casal foram próximos dos nascimentos dos primos, acontecendo de algumas vezes haver um espaço de apenas alguns meses entre um nascimento e outro. Mais tarde as enfermeiras revelaram acreditar que eles eram um só homem e duas mulheres diferentes.

Em relação à questão de paternidade eles se indagam: “Se nosso DNA é igual em um exame de verificação de paternidade qualquer um de nós dois pode ser o pai.” Stanley relembra ainda o beijo que recebeu da namorada do Ricardo, que os confundiu.

Ana Cristina e Maria Elizabeth trocam de identidades em Miami durante o concurso Miss Universo o que possibilitou à primeira andar sozinha, sem problemas, pelas ruas da cidade, agindo contra as regras estabelecidas pelo Concurso que proibia terminantemente a saída isolada de uma Miss.

Outros episódios são tristes e emocionam mesmo tanto tempo depois do ocorrido como, por exemplo, o relato do preso político sobre o aprisionamento do seu irmão em seu lugar durante a revolta estudantil de 1964, considerando tratar-se de uma situação em que a tortura era inevitável. Justificando-se, ele revela que ele mesmo já tinha sido preso duas vezes, sua esposa estava com problemas de fim de gestação, porém o sentimento de culpa permanece, pois em seguida ele completa: “mas, mesmo assim fica a idéia – se eu me apresentasse ele seria libertado. Eu sabia que ele não iria abrir. Eu temi que ele morresse. Tanto é que depois ele passou por uma cirurgia”.

Experiências Mútuas:

Além das situações de trocas de identidades descritas, há também a ocorrência de experiências repetidas, como quando o Francisco relembra a época das descobertas sexuais e relata uma experiência sexual à noite com a empregada da casa no quarto de serviço. Como a cama tinha molas velhas ele se preocupou com o barulho inevitável pensando que iria acordar a casa toda. Assim que tudo terminou escapuliu sorrateiramente para o quarto onde ambos dormiam. Na manhã seguinte ouviu os mesmos barulhos anteriores, olhou na

cama ao lado e ela estava vazia. Ou seja: “uma vida absolutamente particular, privada, mas igualzinha”.

Os gêmeos Eduardo Marcelo e Eduardo Rogério ficaram detidos pelo mesmo delito em decorrência da inevitável semelhança de identidade e aparência: um já cumpria pena na penitenciária e o outro foi abordado na rua e detido como foragido da prisão pelo mesmo crime. Atualmente, no entanto, ambos cumprem pena por delitos semelhantes.

O padre Clemente relata a importância do relacionamento com sua primeira paixão, uma namorada no Brasil, para a descoberta de sua vocação religiosa. Algum tempo depois seu irmão veio ao Brasil, namorou a mesma moça e também decidiu seguir a vocação sacerdotal. Padre Clemente observa ainda que muitas mulheres que se interessaram por ele repetiam o mesmo sentimento posteriormente por seu irmão.

Vínculo Fraternal e Receio da Separação:

Existe um consenso comum entre todos os irmãos gêmeos entrevistados no filme no que se refere ao amor que os une. Todos relatam haver também muita cumplicidade, conhecimento e sensação de semelhança. Francisco e Paulo Caruso reafirmam a anterioridade da experiência gemelar frente a todos os outros relacionamentos afetivos da vida adolescente ou adulta. O preso político, cujo nome não foi revelado, é o único que aparece sozinho no filme sem seu par gemelar e relata que o tipo de vínculo que ele e seu irmão gêmeo mantêm nenhum outro relacionamento pode suprir.

Muitos dos irmãos entrevistados revelam o receio de perder seu irmão gêmeo, o medo da morte de seu irmão assusta e falam até em “uma perda irreparável”. Para a maioria é impensável a morte de um só. Como se quem nasceu junto, viveu junto, deva morrer junto também.

As cabeleireiras Maria Madalena e Maria Francisca trabalham na mesma profissão, são sócias do salão de beleza e moram na mesma casa com seus respectivos maridos. Depois de assistirem aos programas preferidos na televisão sobem juntas para dormir e os maridos vão depois.

Os irmãos Stanley e Ricardo relembram que sempre tiveram um só carro e uma só carteira de motorista, pois quando saíam estavam querendo ir aos mesmos lugares.

Imaginário Parental:

O documentário retrata a idéia de que os gêmeos são exibidos com orgulho e prazer. Os irmãos Caruso descrevem o sonho da mãe de ser mãe de gêmeos e o orgulho do pai, que os via como prova de masculinidade. Muitos relatam os inúmeros passeios com os pais, que os vestiam de forma semelhante. Assim, os pais estão sempre querendo exibir seus gêmeos e a semelhança é realçada pelas roupas e adereços totalmente iguais. Célia e Celma revelam: “sempre andamos totalmente iguais. Nem para ir ao quintal brincar descansávamos, estávamos iguais”.

Consciência de sua especificidade:

As misses Ana Cristina e Maria Elizabete disseram que foi por volta dos 7 anos que perceberam que uma era a imagem e semelhança da outra. Já as cantoras Celma e Célia afirmam: “desde que nos demos conta da nossa existência percebemos também a outra igual”.

Os gêmeos Francisco e Paulo Caruso colocam a seguinte sensação: “Houve um momento em que percebemos que os outros não eram gêmeos.” Sobre esta questão os irmãos divergem ao considerarem se têm um irmão “comum” ou não, ou seja, um deles acredita que irmão gêmeo é um irmão “comum” e outro diz não ter irmão “comum”, pois trata-se de um irmão gêmeo.

Fantasias:

Os irmãos Carlos e Cláudio percebem que muitos vêem os gêmeos como uma promessa erótica de mais prazer, dizem ser freqüentes os pedidos de sexo a três, talvez na suposição de um “prazer em dose dupla”,

assim os irmãos posaram para revistas masculinas e participaram de cenas em programas de televisão de jogos eróticos na banheira com mulheres.

Desejo de Individualidade X Expectativa de Igualdade:

Certamente não é agradável não conseguir apesar de todos os esforços, impor-se no mundo como si mesmo, como um ser único, no entanto, em registros antigos de família nem mesmo eles sabem quem é quem.

Além disso, parece haver uma expectativa do mundo de que haja realmente uma igualdade entre os irmãos gêmeos “idênticos”, como dizem Padre Clemente e Padre Henrique “O mundo nos quer iguais”.

Sensação de Vulnerabilidade e Receio do Confronto:

Devido ao forte vínculo estabelecido entre os gêmeos, ao extenso período de convívio, ao partilhar vivências mútuas e até mesmo à impressionante semelhança em muitos aspectos, os gêmeos têm a sensação de serem transparentes um ao outro. O depoimento do preso político explicita a sensação de vulnerabilidade que sente em relação ao seu irmão gêmeo ao dizer que este conhece intimamente suas fraquezas e vulnerabilidades e portanto sua capacidade de ferir e magoar um ao outro é assustadora, o que torna ameaçadora a idéia da possibilidade de confronto.

Expressões de Individualidade:

Francisco Caruso, um dos irmãos cartunistas, conta: “Ter filhos gêmeos era o sonho da nossa mãe. Durante sua vida fez simpatias como, por exemplo, comer frutas fusionadas para atingir. A sua morte tirou a razão da nossa gemelaridade, este era o sonho dela - neste momento eu me senti livre”.

Por outro lado, seu irmão reagiu de forma totalmente diferente: Com a morte da mãe sentiu necessidade de procurar seu par. Revelou também que sentia-se a expressão do desejo da mãe e sentiu-se perdido, como se sua vida não tivesse mais sentido. No depoimento Paulo diz ainda que sua

cunhada, mulher do Francisco, sente-se muito enciumada e determinou: ou ele ou eu.

Os irmãos Caruso divergem também na questão da comemoração do aniversário duplo, separadamente, cada um na sua cidade, ou não. Paulo relata que não consegue comemorar seu aniversário longe de seu irmão gêmeo quando é interrompido por Francisco que impõe sua posição ao dizer que não deve ser assim e que ambos devem celebrar a data de seu nascimento e ser festejado pelos seus amigos independentemente da presença do outro. Paulo retoma então sua fala nitidamente contrariado pela posição de seu irmão e brinca: “Vou passar a comemorar meu aniversário sozinho!”

Os gêmeos Flaviomar e Marcio também revelam divergência ao dividirem o mesmo quintal na criação de seus filhos. Marcio diz: “Você não pode bater no meu filho!” e Flaviomar argumenta: “Se você estivesse lá faria a mesma coisa.” Neste momento perceberam que algo havia mudado. Se antes tinham casas próprias, mas compartilhavam o mesmo quintal e área de lazer, agora construíram um muro separando. Ao serem questionados se haviam brigado disseram: “levantamos o muro para não brigar”.

Análise:

O diretor deste documentário, Chico Teixeira, revelou em conversa com Marquez, autora da Dissertação de Mestrado da PUCSP intitulada: Gêmeos, subjetividade e narcisismo: especificidades interferentes, que este trabalho nasceu da idéia de investigar a questão da identidade, isto é, “como é ser desafiado a uma identidade única e singular tendo ao seu lado um idêntico a si mesmo?” A partir disso, entrevistou e gravou 13 pares de gêmeos e produziu este documentário.

Acredito que o filme ilustrou os aspectos mais relevantes da experiência gemelar sobre os quais pretendia discutir. Assim observo coerência reveladora entre o que encontrei na bibliografia levantada sobre o tema e as considerações teóricas a partir deste documentário.

Chico Teixeira mostrou-nos que a gemelaridade poderia apenas dificultar, mas não impede a separação individualidade / alteridade. Outros

fatores podem intervir tanto numa direção quanto em outra. Além disso, observou também o prazer e a possibilidade de aprisionamento dos pares de irmãos gêmeos na experiência do amor e admiração a si mesmo; do fechamento da dupla que impede a entrada do terceiro, as situações de conflito quando um outro procura quebrar o par, colocando-se entre eles; bem como tantas outras situações decorrentes do nascimento gemelar univitelino. Segundo Marquez (2008) estes aspectos estão ligados ao conceito teórico psicanalítico do narcisismo.

O documentário ilustra claramente o conceito do *narcisismo* e o *Complexo Fraternal*. Retomarei, portanto, alguns conceitos amplamente discutidos neste estudo.

A gemelaridade remete ao primitivismo narcísico, elucida o modo de funcionamento egóico do começo da vida psíquica: enquanto vivência ilusória de uma completude e na negação da falta. Há uma supervalorização narcísica do sujeito, de seus próprios processos mentais, uma ênfase nos poderes do pensado e desejado. O amor que une os gêmeos é a fascinação frente à própria imagem, é a experiência prazerosa do “idêntico a si mesmo” que obtura a vivência anterior do corpo fragmentado.

A experiência narcísica impede o conhecimento da alteridade e quando isso acontece em lugar do outro aparece o duplo. O duplo que nos reflete propicia a vivência de estranheza abordada por Freud - estranho ou assustador: tudo aquilo que sendo familiar retorna como oposto ou não familiar. O outro ao nos refletir como um todo não fragmentado se é fonte de prazer e ideal de ser, ao mesmo tempo aliena-se em uma imagem, que a partir de então, nos representa para nós mesmos.

O duplo espelhar poderia impedir a separação Eu / Não Eu, a alteridade e conseqüentemente o desejo. A ausência do desejo é conseqüência da ausência da falta que o instaura. A dupla formada se fecha em si mesma proibindo a entrada do terceiro, que atuaria como o estruturante edipiano. Como a experiência edipiana é a responsável pela definição do sujeito desejante, da entrada no simbólico, da fuga do imaginário e da possibilidade de subjetivação, todos estes processos se tornarão comprometidos.

No filme “Carrego Comigo” as irmãs cantoras Celma e Célia recriam o par de “indivíduos duplos” citados por Freud no texto “O Estranho” (1919), pois retratam a dificuldade de assunção da identidade própria, existe um espelhismo obstruindo a diferença, visto que a dupla menciona até que desejaria morrer juntas, talvez em um desastre de avião. Além disso, numa outra cena, Célia e Celma conversam em uma língua particular criada pelas duas, fechando-se em si mesmas, e exemplificando os dados trazidos por Rufo (2003) ao dizer que gêmeos costumam construir uma linguagem codificada, que só eles mesmos entendem.

Por outro lado, o mesmo documentário retrata uma situação oposta à descrita acima, isto é, os gêmeos se diferenciam. Trata-se dos irmãos cartunistas, Francisco e Paulo, que nos revelam o sonho materno de ter filhos gêmeos. Com a morte da mãe um deles sente-se liberto do desejo que os trazia aprisionados. Francisco diz: “Se o desejo de ter filhos gêmeos era da nossa mãe, agora que ela não está mais entre nós, podemos seguir cada um a sua própria vida”.

Notamos também que na história de vida destes gêmeos houve possibilidade para as inúmeras realizações que podem surgir a partir das diferenças. Os gêmeos afirmam as suas diferenças, já que não se vestem da mesma forma, moram em cidades diferentes, constituíram família própria e aos poucos apresentam traços fisionômicos diferenciados. Neste caso, a entrada na dupla do terceiro normatizante foi possível e a partir de então, podemos percebê-los como qualquer outra pessoa nascida de uma gestação simples.

O LIVRO *Ana e Ana*:

“As diferenças tornam a vida mais bonita e colorida”.
Artur da Távola (1936-2008), jornalista, político e escritor carioca.

O livro nos convida a acompanhar a vida de duas irmãs gêmeas, Ana Carolina e Ana Beatriz, desde o nascimento e primeiros cuidados até a vida adulta. Aborda os desafios no cuidado de bebês gêmeos; a incrível semelhança física entre as duas na infância; as divergências nos hábitos e personalidades; a insatisfação das irmãs ao ganharem brinquedos ou roupas “igualzinhas”; a necessidade de se diferenciarem na adolescência; as diferenças nas escolhas profissionais e pessoais na vida adulta; o prazer do reencontro e do compartilhar memórias e finalmente a semelhança mais forte entre elas: “o amor que uma sentia pela outra também era igual!”

A história demonstra que apesar de gêmeas “idênticas” Ana Carolina e Ana Beatriz eram iguais só por fora. A narrativa e suas ilustrações encantam pela delicadeza com que aborda a “igualdade” e as diferenças entre irmãos gêmeos “idênticos” e os sentimentos que acabam esquecidos ou desconsiderados até então.

Análise:

Assim como no filme, o livro infantil *Ana e Ana* aborda a “igualdade” e as diferenças entre os gêmeos “idênticos”, além dos diferentes sentimentos a que estão suscetíveis.

O primeiro aspecto que julgo importante ressaltar é o título do livro, que iguala o nome das duas irmãs, Ana Carolina e Ana Beatriz, já que na escolha dos nomes o primeiro nome é o mesmo. Além disso, torna-se pertinente lembrar também que há um espelhismo nos nomes escolhidos, pois Ana refletido no espelho, ou seja, ao contrário, também é Ana. Quando os pais ressaltam as igualdades nas escolhas de nomes similares, roupas e brinquedos iguais, na verdade estariam negando a individualidade delas, tratando-as como se fossem uma pessoa só. Seriam atitudes plenas de conseqüências para o futuro, pois tendem a torná-las crianças ligadas e

condenadas a não se separem em busca de vida própria. Estas atitudes enfatizam as semelhanças e obstruem as diferenças.

Assim, os pais poderiam estar dificultando a separação individualidade/alteridade descrita anteriormente, aprisionando-as na dupla e impedindo a entrada do terceiro. Desta forma, as gêmeas têm que estar sempre juntas e isoladas dos outros, porque aquilo que as diferencia dos demais é a situação específica da gemelaridade, recriando assim simbolicamente o estado narcísico original.

Na descrição dos primeiros cuidados com os bebês gêmeos no livro, observo semelhanças elucidativas com o que Winnicott nos trouxe. O livro infantil relata a dificuldade da avó das meninas de diferenciá-las nos cuidados com higiene e alimentação e o autor psicanalista diz que é essencial que não se estabeleça confusão entre as próprias crianças e, para isso, tem de haver alguém que as distinga com facilidade desde o princípio. A principal dificuldade na criação de gêmeos é essa questão do tratamento pessoal e assistência a cada um deles, de modo que a totalidade e a unicidade seja plenamente reconhecida.

Na infância as meninas causam ainda mais confusão, pois “uma parecia a imagem da outra refletida no espelho”, no entanto, na página seguinte esclarece-se que a semelhança é “só por fora” e a partir de então são descritas todas as diferenças na preferência por cores distintas e comidas distintas. A história ilustra ainda a oposição entre elas ao colocar que “Ana Carolina só ouvia música no último volume para desespero da irmã, que detestava barulho”, “Ana Carolina adorava ser o centro das atenções e vivia rodeada pelos coleguinhas”, em contrapartida “Ana Beatriz gostava de ficar na pracinha, brincando com as crianças menores”. Dessa forma, a autora, Célia Cristina, deixa claro para as crianças leitoras, que por mais semelhantes que as gêmeas possam ser fisicamente a ponto de serem chamadas de gêmeas “idênticas”, sua individualidade e singularidade são observadas nitidamente no dia a dia destas irmãs. Basta também que a família permita e dê espaço para que as diferenças sejam expressadas.

Ana Beatriz e Ana Carolina não escondiam sua irritação ao “ganhar tudo igualzinho... E não compreendiam por que algumas pessoas queriam que elas

se vestissem como se fossem uma pessoa só”. Este tipo de insatisfação retrata a definição do sujeito desejante e a possibilidade de subjetivação.

Conforme as meninas vão crescendo, elas mudam o cabelo, não se vestem da mesma forma, passam a ser chamadas pelos apelidos, tomam diferentes rumos profissionais e vão morar em diferentes cidades, o que reflete a aquisição bem sucedida da identidade própria.

Porém, o livro termina reunindo as irmãs gêmeas em um reencontro emocionado e por ambas muito esperado, trazendo beijos, abraços, choro, riso e lembranças compartilhadas. “E nesse dia descobriram que tinham uma coisa muito forte em comum, além da aparência: O amor que uma sentia pela outra também era igual”. O último trecho do livro exemplifica o forte vínculo afetivo estabelecido entre irmãos, visto que muitos estudiosos do assunto afirmam que o vínculo fraterno é uma ligação muito significativa, dura por toda a vida, configurando em muitos sentidos, nossa existência. Além disso, o relacionamento fraterno é a relação de base igualitária mais íntima que se costuma ter e o irmão é alguém totalmente integrado em nossa história, pois compartilha várias de nossas experiências, lembradas com alegria pelas irmãs Ana Carolina e Ana Beatriz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“É preciso olhar para além das coisas, e então talvez as compreendamos”.
Franz Kafka (1884-1924), escritor tcheco.

Optei por iniciar este estudo trazendo conceitos como fraternidade, função fraterna, o relacionamento entre irmãos e o processo de socialização da criança e discuti-los, por acreditar que os irmãos gêmeos univitelinos como o nome diz são irmãos e portanto, apresentam inúmeras características comuns aos irmãos em geral. Existem também muitas peculiaridades desta condição especial de gêmeo “idêntico” que foram expostas no decorrer do presente trabalho e que serão retomadas nestas considerações finais.

A idéia central de fraternidade coloca que o homem estabelece com seus semelhantes uma relação de igualdade, visto que em essência não há nada que hierarquicamente os diferencie: são como irmãos (*fraternos*). Retomo alguns autores discutidos que como Mussen (1982) consideram que a respeito do desenvolvimento da personalidade da criança, o aspecto mais significativo que se pode observar é a influencia do ambiente social no qual está inserida.

Torna-se fundamental aqui ressaltar que a família, pais e irmãos, constitui a primeira rede social da criança e modelo principal de identificação, visto que os membros da família da criança são os representantes da cultura com os quais ela tem relações mais íntimas. Assim, nos primeiros anos de vida, as interações iniciais da criança restringem-se, em grande parte, aos círculos de suas próprias famílias, e seus modelos são os pais e os irmãos. Quando as crianças estabelecem contato com o mundo extrafamiliar tentam se comportar de acordo com o modo que aprenderam nos relacionamentos fraternais. E da mesma forma, quando aprendem novas maneiras de se relacionar no mundo extrafamiliar, trazem de volta o novo conhecimento para o mundo fraternal.

Dentro da hierarquia familiar, os irmãos fazem parte do mesmo subsistema (subsistema fraterno ou fratria), e o relacionamento fraterno é muitas vezes a única relação íntima e diária com iguais e, por isso, é tão rica e

complexa; envolve experiências comuns que somente poderiam ser divididas entre irmãos e, por esse motivo, um irmão tem grande impacto sobre o outro. Esse impacto dá-se por meio da mútua socialização, do comportamento de ajuda, das tarefas e das atividades cooperativas, do companheirismo e também dos comportamentos negativos, agressivos e dos conflitos.

Mussen, Conger e Kagan (1988) afirmam que nas interações com os irmãos, a criança pode aprender padrões de lealdade, prestatividade e proteção ou os de conflito, domínio e competição; tais padrões podem ser generalizados a outros relacionamentos sociais.

Estudiosos do assunto afirmam que o vínculo fraterno é uma ligação muito significativa, pode se constituir em um dos vínculos mais duradouros de nossas vidas, pois se inicia na infância e dura ao longo da vida e tem um poder emocional que modela a história de quem nós somos e de quem nós nos tornamos. Podemos afirmar que “os irmãos não são atores de menor importância no espetáculo do desenvolvimento humano” (Bank & Kahn, 1997, p. 15).

Quanto ao vínculo fraterno não há um modelo fechado e pré-estabelecido, há uma multiplicidade de vínculos que se arranjam entre si em diferentes padrões de relacionamento, pois este tipo de vínculo pode ser compreendido como resultado de um processo inter-relacional. Isso significa que é possível construir relações diferentes, com diferentes irmãos, as quais envolverão diferentes graus de proximidade afetiva. A qualidade destas relações não é determinada por um único fator. Estudos têm demonstrado que uma ampla gama de fatores influencia na qualidade do vínculo fraterno tais como temperamento individual da criança e principalmente o acesso que os irmãos têm um ao outro e as características do contexto familiar mais amplo.

Além disso, o relacionamento fraterno apresenta diferentes características ao longo da vida dos irmãos, isto é, de acordo com a fase do ciclo evolutivo vital em que a família se encontra. O vínculo fraterno pode ser transformado e re-significado ao longo de toda a vida, o que revela seu caráter dinâmico e duradouro (Oliveira, 2000).

Em relação aos gêmeos idênticos retomo uma questão importante levantada por Winnicott (1957) referente à expressão “Gêmeos *Idênticos*”, a partir da qual ele faz uma crítica à forma como esta espécie de gêmeos é chamada, pois se as crianças fossem idênticas, cada uma delas seria a mesma, somariam uma, o que seria irreal. São semelhantes, mas não idênticas e justamente o risco é que as pessoas as tratem como idênticas e se as pessoas assim o fizerem, os próprios gêmeos se sentirão confusos sobre as suas próprias personalidades. Excetuando-se o fato de serem gêmeas ou não, as crianças ficam inicialmente muito perturbadas sobre suas próprias identidades e só gradativamente tornam-se seguras de si mesmas. As crianças só usam os pronomes muito depois de começarem a balbuciar as primeiras palavras.

Esta dificuldade é exemplificada por Rufo (2003) ao colocar que os gêmeos costumam tardar a responder individualmente a seu próprio nome, reconhecendo-o só a partir dos dois anos de idade, quando a maioria das crianças o fazem já aos seis meses. Também levam muito mais tempo que as outras crianças para dominar o uso dos pronomes pessoais “eu” e “você”, usando com muito mais frequência o “nós”. Por tudo isso, é necessário que suas diferenças sejam acentuadas, e as sutilezas deles em relação ao mundo ressaltadas, para que sua separação-individação seja possibilitada.

Winnicott (1957) sugere também que se as mães de gêmeos pudessem escolher, provavelmente, muitas não optariam por ser mães de gêmeos. Da mesma forma, exemplifica dizendo que há gêmeos que, se pudessem ter escolhido, prefeririam ter nascido cada um por sua vez. Sobre esta questão acredito ser particular de cada caso ou mesmo haver uma ambivalência dos pais de gêmeos, pois o documentário “Carrego Comigo” retrata uma idéia oposta ao apresentar o depoimento dos irmãos gêmeos cartunistas Francisco e Paulo Caruso, no qual expressam o sonho da mãe em ter filhos gêmeos, fazendo até simpatias para que se realizasse e o forte orgulho do pai ao falar sobre sua masculinidade na fecundação dos gêmeos.

Outra cena do documentário “Carrego Comigo”, na qual as cantoras gêmeas Célia e Celma conversam em uma língua particular criada pelas duas, fechando-se em si mesmas, relaciona-se com os dados trazidos pelo psiquiatra

francês Marcel Rufo (2003) ao dizer que gêmeos costumam construir uma linguagem codificada, que só eles mesmos entendem, e isto normalmente gera um atraso na aquisição da linguagem, equiparando-se com outras crianças apenas aos seis ou sete anos. Isto é preocupante, uma vez que a linguagem é matéria prima do pensamento e distúrbios da linguagem acabam interferindo na elaboração deste, podendo provocar com isso um distúrbio de cognição e perturbações psicológicas graves.

Reconheço na vida dos gêmeos, aspectos semelhantes em relação aos nascimentos simples e também situações diferenciadoras, plenas de conseqüências na determinação de uma subjetividade. Mesmo sabendo que a fraternidade ou irmandade aproxima em termos de igualdade o grupo de irmãos e irmãs que têm os mesmos pais, pertencem à mesma geração e apresentam diferenças pequenas na idade, a situação de mesma data de nascimento, mesmas tendências patológicas, mesmo grupo sanguíneo e DNA é uma vivência ímpar e única e portanto, com resultados também ímpares e únicos.

Gêmeo é aquele que acompanha sem ser ilusão, sendo similaridade facilmente reconhecida, é também estranha e ameaçadora. É fonte de prazer e poder e ao mesmo tempo de ameaça. Simboliza a imortalidade que, simultaneamente, anuncia o desaparecimento do Eu, incapaz de uma diferenciação identitária.

O risco em casos de gêmeos univitelinos é a aquisição da questão da gemelaridade como identidade comum, trata-se de um apagamento de si mesmo. Pode haver uma fixação ou aprisionamento na fase narcísica do desenvolvimento, mais especificamente, no Complexo Fraternal, onde o outro do par pode ser para cada um o duplo mágico e imortal. Dessa forma, os gêmeos se apresentariam distantes, fechados em si mesmos, poderia-se até dizer, fusionados, o que impede a organização triangular neurotizante, que atuaria como o estruturante edipiano. Como a experiência edipiana é a responsável pela definição do sujeito desejante, da entrada no simbólico, da fuga do imaginário e da possibilidade de subjetivação, todos estes processos poderão se tornar comprometidos.

Os nascimentos duplos apresentam suas peculiaridades desde o período gestacional, pois os fetos interagem e prefiguram seus relacionamentos futuros.

Ser pais de gêmeos representa um desafio maior, especialmente para a mãe, pois os gêmeos necessitam de um olhar de reconhecimento diferenciador imprescindível para a aquisição de identidade única e singular apesar do “igual” e “idêntico”. Assim, vemos que a unidade do ego só poderá se fazer mediante a projeção do interior de um corpo sobre o outro, objeto externo, corpo materno que recebe a projeção e como um espelho permite a identificação. Sempre a unidade egóica implica num par ego-objeto, dentro-fora, consciente-inconsciente. Uma mãe, um bebê. No caso de gêmeos dois ou mais bebês necessitam de uma mesma mãe para nascerem psiquicamente como sujeitos.

O gêmeo tem sempre outro bebê com quem conviver e compartilhar a mãe desde o início de seu desenvolvimento, mas a potencialidade psíquica de cada bebê de gerar seu próprio duplo sempre está presente. Porém como lembra Baceiro (1991), esta produção deverá dar-se em um contexto vincular onde a possibilidade da mãe de cumprir uma dupla função está em jogo. Assim, torna-se evidente que a mãe de gêmeos tem uma tarefa extra, pois esta deve dar-se a dois bebês simultaneamente.

Desse modo, ela perceberá que sua meta não é tratar cada filho de maneira idêntica, mas sim tratá-los como se fossem únicos. Assim, a mãe de gêmeos tentará descobrir diferenças entre cada bebê desde o nascimento. Normalmente, a mãe acabará notando que os temperamentos são distintos e que se ela vir cada um como uma personalidade total, cada um deles desenvolverá características pessoais. Tais dados estão em concordância com os encontrados na história infantil de *Ana e Ana*, na qual cada uma apresenta temperamentos diferentes e personalidade bem definidas, evidenciando a emergência de identidades próprias e singulares.

Portanto, como já foi exposto, a principal dificuldade na criação de gêmeos é essa questão do tratamento pessoal e assistência a cada um deles, de modo que a totalidade e a unicidade seja plenamente reconhecida. Mesmo tratando-se de gêmeos idênticos seria necessário que a própria mãe mantivesse com cada um deles uma relação total.

Para os gêmeos existe um risco de permanência na dupla gemelar sem a separação /individuação ou ainda apresentando falhas neste processo de aquisição de identidade única e singular. Assim poderiam permanecer sem alteridade e conseqüentemente sem desejo.

Winnicott (1957) esclarece que na gemelaridade assim como há vantagens, há também desvantagens. A partir desta idéia, podemos admitir que se por um lado deve ser agradável para cada criança ter companhia, especialmente quando os dois gêmeos crescem, por outro, há também uma dificuldade referente à maneira como cada bebê se desenvolve.

Os gêmeos univitelinos são confrontados desde o início com a experiência do “idêntico” que não é ilusão. A imagem dupla que retorna do real é a externalização inquestionável da possibilidade de um duplo em si mesmo. Os gêmeos podem sustentar a ilusão da possibilidade de igualdade entre representação e representado, da não divisão do sujeito. O outro do par reflete e acompanha, criando situações complicadoras ao processo de diferenciação. Ao longo do processo de desenvolvimento pode ocorrer uma Fixação⁵, ou seja, o retorno a estruturas próprias de fases anteriores do desenvolvimento tais como estruturas narcísicas e fantasias do Complexo Fraterno.

Porém, como a experiência gemelar não impede a separação Eu/Não Eu, e somente pode dificultá-la, aos gêmeos também é dada a oportunidade de quebrar o vínculo mortífero da experiência narcísica, impondo-se como diferente, escapando da obstrução que o semelhante representa.

Winnicott (1957) desmistifica o nascimento gemelar afirmando tratar-se de fenômeno perfeitamente natural. No entanto, após ter realizado este estudo acredito, que a realidade do nascimento gemelar enquanto exceção em comparação aos nascimentos simples proporciona experiências singulares e representa desafios próprios aos que vivenciam esta situação, sejam os próprios gêmeos, os pais, os companheiros ou os amigos.

Sobre estes desafios, Winnicott afirma que de forma geral, muitas dificuldades dos gêmeos são decorrentes deles nem sempre serem

⁵ Significa constituir “uma virtualidade predominante que abre ao indivíduo o caminho da regressão”. Isto é, “ao retorno a etapas ultrapassadas de desenvolvimento”. Laplanche e Pontalis p. 251

reconhecidos como diferentes um do outro, mesmo naquilo em que são extremamente distintos. Portanto, as atitudes parentais e sociais ou ainda dos próprios gêmeos que salientassem as diferenças apresentam-se como fatores facilitadores no processo de aquisição de identidade própria e singular.

O autor diz ainda que é possível o desenvolvimento de gêmeos com identidades próprias bem definidas e maduras. Para tal, é preciso que estes tenham a experiência do egoísmo primário e a possibilidade de, em algum momento da vida, expressarem seu ódio como qualquer dupla de irmãos. É preciso também que tenham a possibilidade de expressarem seu desejo de terem chegado cada um por sua vez. Para que este grau de intimidade consigo mesmo e com o outro possa ser conseguido, é necessário que a mãe de gêmeos tenha vencido o desafio ou tarefa extra de dar-se toda a dois bebês ao mesmo tempo. E, principalmente, reconhecer que seus filhos são semelhantes, mas não idênticos. (p.159)

Assim, este estudo me permite afirmar que o principal aspecto da gemelaridade consiste na possibilidade de indiferenciação, no obstáculo à separação de Eu/Não-Eu, na questão da identidade-alteridade. A presente análise teórica demonstra que os nascimentos duplos não inviabilizam a diferenciação, apenas revelam-se como uma dificuldade particular que se apresenta aos gêmeos na aquisição de identidade.

Referências Bibliográficas:

Baceiro, A. M. V. (1991) Narcisismo y gemelaridad, una história de amor. In: Braier, E. (org.) & outros: **Gemelos narcisismo y dobles**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2000 p. 171-183.

Bank, S.P., & Kahn, M.D. (1997) **The sibling bond** (2 ed.). New York, USA: Basic Books.

Carmichael, F. (1975) **Manual de Psicologia da Criança**. São Paulo: EPU/EDUSP, vol. 8 e 9.

Carter, B & McGoldrick, M. (1995) **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estruturação para terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª edição, 2001.

Caso, Giovanni (Org.); Souza, C. A. M. (Org.); Cury, Afife (Org.) ; Cury, Munir (Org.). **Direito & Fraternidade: ensaios, prática forense**. Anais do Congresso Internacional "Relações no Direito: qual espaço para a fraternidade?". 1. ed. São Paulo: Cidade Nova e LTr, 2008.

Cicirelli, V. G. (1995). **Sibling relationship across the life span**. New York, USA : Plenum Press.

Erel, O, John, R. S., & Margolin, G. (1998). **Oberved sibling interaction : Links with the marital and the mother-child relationship**. *Development Psychology*, 34 (2), 288-298.

Ferreira, A. B. H. (1975) **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fitzgerald; Hiram & Strommen, E. (1978) **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense.

Freud, S. (1919). **O estranho**. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud v. XVII**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ (1913). Totem e Tabu in **Obras Completas**. V. XIII, p. 1-164. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

_____ (1921). **Psicologia das Massas e Análise do Eu** in **Obras Completas da Ed. Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago.

Kancyper, L (1992) **Ressentimento e Remorso, Estudo psicanalítico**, Tradução Júlio R. S. Neto, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

_____ (1995) **Complejo Fraternal y complejo de Édipo** in Braier, E. (org.) & outros: **Gemelos, narcisismo y dobles**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2000, p. 43-59.

Kehl, M. R. (2000). Existe uma função fraterna. In: _____. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Lacan, J. (1938). **A Família**. 2ª. ed. Lisboa: Assirio e Alvim, 1981.

_____ (1948). **O estágio do espelho como formador da função do eu**. In: _____, **Escritos**. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Laplanche, J.; Pontalis, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

Maldavsky, D. Los dobles, la ligadura pulsional y los procesos subjetivos. In: **Braier, E. (org.) & outros: Gemelos, Narcisismo y dobles**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2000.

Marquez, I. S. M. A. B. (2008) **Gêmeos, subjetividade e narcisismo: especificidades interferentes**. *Dissertação de Mestrado*, PUCSP.

Minuchin, S. (1982) **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mussen, P.H. (1982) **O Desenvolvimento Psicológico da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar.

Mussen, P.H. ; Conger, J. ; Kagan, J. (1977) **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. São Paulo: Harbra.

Oliveira, A. L. de. **Irmãos ao longo da vida: “Construindo uma memória compartilhada – compartilhando uma memória construída”**, 2000. p.441. *Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica) PUC*. São Paulo.

Perez, A F. (1998). **Padrões de relacionamento familiar: O filho primogênito**. *Dissertação de Mestrado*, PUCRS.

Rappaport, C.R. (1981) **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: EPU. Vol 4.

Rehfeld, R. I. (2003) **Gemelaridade – uma atualidade na prática psicanalítica**. In *Revista da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - Volume IV – número 1*.

Ross, Helgola G., Milgram, Joel L. (1982) Important Variables in Adult Sibling Relationships: A Qualitative Study. In: Lamb, Michael E., Sutton-Smith, Brian (Ed). **Sibling Relationships: Their Nature and Significance Across the Lifespan.** London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers. Cap. 9, p. 225 -249.

Rufo, M. (2003) **Irmãos como entender essa relação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Silva, Célia Cristina. (2003) **Ana e Ana.** 2 ed. – São Paulo: DCJ, 2007.

Silveira, L.M. (2002) O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner (Org.), **Família em Cena: Tramas, dramas e transformações,** Petrópolis: Vozes.

Silveira, L.M.B.O. (2001) **Rivalidade, afeição e hostilidade: Diferentes dimensões do relacionamento fraterno.** Dissertação de Mestrado. PUC-RS.

Tilmans, E. & Fourez, M. (2000) **Os recursos da Fratria.** Belo Horizonte: Artesã.

Winnicott, D. W. (1957) **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

Wright, L. (1997). **Twins: And What They Tell Us About Who We Are.** New York, USA: Wiley, John & Sons, Incorporated.

Viotto, M. E. B. T. (1999) **Conversando sobre gêmeos.** Londrina: a Autora.

Videografia:

Brasil, doc, 35mm, 58 min, cor, 2001: Teixeira, Chico. (2001) **Carrego Comigo.** São Paulo: Superfilmes & G.T. Produções.